

**FUNDAÇÃO INSTITUTO CAPIXABA DE PESQUISAS EM
CONTABILIDADE, ECONOMIA E FINANÇAS – FUCAPE**

KÁTIA CRISTINA RODOLPHO QUEDEVEZ

**CAPITAL SOCIAL E FATORES QUE INFLUENCIAM O BEM ESTAR
DE AGRICULTORES FAMILIARES:** um comparativo entre duas regiões
com diferentes níveis de Capital Social

**VITÓRIA
2016**

KÁTIA CRISTINA RODOLPHO QUEDEVEZ

CAPITAL SOCIAL E FATORES QUE INFLUENCIAM O BEM ESTAR DE AGRICULTORES FAMILIARES: um comparativo entre duas regiões com diferentes níveis de Capital Social

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, da Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), como requisito parcial para aprovação no curso de Mestrado em Administração de Empresas, linha de pesquisa Estratégia e Governança Público-privada.

Orientador: Prof. Dr. Danilo Soares Monte-Mor

VITÓRIA
2016

KÁTIA CRISTINA RODOLPHO QUEDEVEZ

CAPITAL SOCIAL E FATORES QUE INFLUENCIAM O BEM ESTAR DE AGRICULTORES FAMILIARES: um comparativo entre duas regiões com diferentes níveis de Capital Social

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, Turma 2014/1, Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças (FUCAPE), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas.

Aprovada em 23 de agosto de 2016.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Danio Soares Mont-mor

(Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças
- FUCAPE)

Profa. Dra. Arilda Magna Campagnaro Teixeira

(Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças
- FUCAPE)

Profa. Dra. Marcia Juliana d'Angelo

(Fundação Instituto Capixaba de Pesquisas em Contabilidade, Economia e Finanças
- FUCAPE)

Dedico este trabalho ao Poder Superior, que chamo de Deus, à minha mãe Ana Maria (*in memoriam*), ao meu pai Nino, ao meu amor Elias e ao meu filho Vitor.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Ana Maria, que continua a iluminar a minha vida.

Ao meu pai Nino, ao meu amor Elias e ao meu filho Vitor, pelo apoio e compreensão.

Ao meu orientador, professor Dr. Danilo pela paciência e dedicação.

Aos amigos da maravilhosa turma 2014.1, e em especial a Manuella Cajaíba, Gustavo Ribeiro e Maycon Delatorre pela grande parceria e amizade.

E aos funcionários da Fucape, especialmente as queridas Andréa Batista, Edna Lima e Eliane Lima da biblioteca, pela presteza, educação e sensibilidade.

RESUMO

A agricultura familiar tem problemas associados ao bem estar rural. A literatura científica apresenta elementos ligados aos cinco tipos de capital (econômico, humano, social, cultural e ambiental) como influenciadores na solução deste problema. Capital Social é um conceito que tem sido explorado para mensurar bem estar em áreas rurais, mas há que se considerar os diferentes níveis de maturidade de Capital Social em que as comunidades se encontram. Esta pesquisa se propôs em identificar, à luz do conceito de Capital Social, fatores que influenciam a percepção de bem estar de agricultores familiares em duas regiões agrícolas vizinhas e com diferentes níveis de maturidade de Capital Social. Por meio de uma pesquisa exploratória quantitativa, com amostra de 417 agricultores, os resultados das regressões múltiplas apontaram que os produtores das duas regiões consideraram os fatores: Capital Cultural, Educação/Capacitação/Treinamento, Tecnologia e Inovação, Localização e Sucessão Familiar como influenciadores na melhoria do bem estar rural. As variáveis ligadas ao Capital Econômico (Educação/Capacitação/Treinamento, Tecnologia e Inovação e Localização) apresentaram consenso nos resultados das duas regiões. Contudo, os fatores ligados ao Capital Humano, em particular, Sucessão Familiar e Capital Cultural apontaram divergência quanto ao impacto no bem estar entre as regiões analisadas. Os resultados apresentam evidências de que comunidades de agricultores familiares com nível mais baixo de amadurecimento de Capital Social consideram como entrave ao bem estar rural o Capital Cultural. Comunidades com nível mais alto de amadurecimento de Capital Social percebem como entrave a Sucessão Familiar.

Palavras-chave: Agricultura Familiar. Bem Estar Rural. Capital Social.

ABSTRACT

Family farming has problems associated with rural welfare. The scientific literature shows elements connected to five types of capital (economic, human, social, cultural and environmental) as influencers in solving this problem. Social capital is a concept that has been explored to measure well-being in rural areas, but one has to consider the different levels of capital of maturity where communities meet. This research aimed to identify, in the light of the concept of capital, factors that influence the perception of well-being of family farmers in two neighboring agricultural regions and with different levels of maturity Capital. Through a quantitative exploratory research with a sample of 417 farmers, the results of multiple regression showed that the producers of the two regions considered the following factors: Cultural Capital, Education / Training / Training, Technology and Innovation, Location and Family Succession as influencers in improving welfare. The variables related to economic capital (Education / Training / Training, Technology and Innovation and Location) showed consensus on the results of the two regions. However, factors related to human capital, in particular, Family Succession and Cultural Capital pointed disagreement as to the impact on the welfare of the regions analyzed. The results provide evidence that communities of family farmers with lower levels of capital considered as an obstacle to the well-being the Cultural Capital. Communities with higher levels of capital perceive as an obstacle the Family Succession.

Keywords: Family Farming. Rural Welfare. Share capital

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 AGRICULTURA FAMILIAR.....	11
2.2 CAPITAL SOCIAL.....	12
2.2.1 Capital Social e a “força dos laços”.....	16
2.2.2 Capital Social, desenvolvimento Econômico Rural e Cooperação.....	17
2.2.3 Cooperação.....	20
2.2.4 Redes Sociais	21
2.2.5 Confiança Institucional.....	22
2.2.6 Confiança Governamental	23
2.2.7 Confiança Familiar e Social	23
2.2.8 Civismo, Religiosidade, Patriotismo e Cidadania.....	24
2.2.9 Infraestrutura, Localização, Tecnologia e Inovação.....	27
2.2.10 Capital Cultural.....	28
2.2.11 Capital Ambiental.....	29
2.2.12 Mulheres no Campo.....	30
2.2. 13 Juventude Rural e Sucessão Familiar.....	30
2.3 BEM ESTAR RURAL.....	31
2.3.1 Mensuração de Bem Estar	34
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	40
4 ANÁLISE DOS DADOS	48
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	45
4.2 ESTATÍSTICA DESCRITIVA.....	52
4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	56
5 CONCLUSÃO.....	63
REFERÊNCIAS.....	66
ANEXO – QUESTIONÁRIO.....	73

1 INTRODUÇÃO

A agricultura continua a ser forte e em alguns casos crescente (INWOOD; SHARP, 2012), sustentando-se, principalmente, pelo ganho de produtividade decorrente da incorporação de tecnologias aos sistemas de produção e retornos de escala (LOWDER *et al.* 2014). Há que se considerar, no entanto, que áreas rurais têm características desafiadoras para o seu crescimento, como, por exemplo, distância física para acessar mercados, baixa massa crítica (TREGEAR; COOPER, 2016) e problemas associados ao bem estar dos produtores rurais (STIGLITZ *et al.* 2009).

Uma investigação específica sobre o desempenho em áreas rurais realmente só começou no final de 1980 e início de 1990. Desde então, a pesquisa tem evoluído a partir de investigações de análises de múltiplas questões, particularmente dos cinco tipos de capital - econômico, humano, social, cultural e ambiental. Com base em pesquisas anteriores destes cinco tipos de capital, tem havido um interesse crescente entre os decisores políticos e pesquisadores acerca da distinção entre áreas rurais 'desenvolvidas' e 'atrasadas' (AGARWAL *et al.* 2009).

Capital Social é um conceito que tem sido explorado para mensurar bem estar em áreas rurais (AGARWAL *et al.* 2009), mas há que se considerar os diferentes níveis de maturidade de Capital Social em que as comunidades se encontram (PUTNAM, 2000).

De acordo com o Censo Agropecuário de 2006, cerca de 70% de todo o consumo de alimentos do Brasil é produzido por agricultores de base familiar (IBGE/2006). Entretanto, a agricultura familiar é vulnerável a fatores de ordem natural e econômica (WHEELER *et al.* 2012).

Uma vez que, individualmente, produtores rurais não costumam ter acesso às inovações tecnológicas e possuem baixas condições para atingir significativos ganhos de escala, elementos ligados ao conceito de Capital Social podem reduzir tal vulnerabilidade. “Entende-se por Capital Social às características da organização social, tais como redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e a cooperação para benefício mútuo” (PUTNAM, 1995).

Estudos têm encontrado no conceito de Capital Social elementos como, por exemplo, rede pessoal de indivíduos (GRANOVETER, 1973, 1983) cooperação, redes, normas e confiança sociais (PUTNAM *et al.* 1993; PUTNAM, 1995, 1997, 2000), conexões (BOURDIEU, 1986), para superação de obstáculos e ganhos de produtividade de produtores rurais, porque amenizam dificuldades e oferecem novas oportunidades, principalmente aos de base familiar (WOOLCOCK; NAYARA, 2000; WESTLUND; ADAM, 2010; TERLUIN, 2010; WOODHOUSE, 2006; AGARWAL *et al.* 2009). Resultados de vários estudos de casos europeus sugerem que o Capital Social deve ser mais reconhecido como uma questão chave no processo de desenvolvimento rural, o que dificulta (quando fraca) ou apoia (quando forte e bem-enraizada) a implementação de políticas de desenvolvimento rural (WIESINGER, 2007).

Diante deste cenário, o objetivo deste trabalho é, à luz do conceito de Capital Social, identificar fatores associados à percepção de bem estar de agricultores familiares. Para tanto, optou-se por utilizar nesta pesquisa uma comparação entre produtores rurais de base familiar localizados em duas regiões vizinhas, essencialmente agrícolas, com distintos níveis de amadurecimento de Capital Social. As regiões analisadas também apresentam distintos níveis de desenvolvimento

econômico e social (IBGE, 2006) e adesão a cooperativas e associações rurais (INCAPER, 2013).

Para identificar os fatores associados ao bem estar segundo a percepção de agricultores familiares, foi adotada uma metodologia quantitativa, de caráter descritivo e em corte transversal. Como instrumento de pesquisa foi realizada coleta primária de dados, mediante a aplicação de questionários respondidos em entrevistas pessoais e individuais. As análises dos dados foram feitas a partir de regressões múltiplas (HAIR *et al.* 2005).

Pela falta de consenso entre os pesquisadores sobre bem estar e desenvolvimento e por serem considerados eficientes os indicadores financeiros e não financeiros para avaliação das empresas, (KOTANE; MERLINO, 2012), nesta pesquisa foi utilizado o recurso de desempenho percebido (COSTA, 2013).

Os resultados obtidos sugerem que nas duas regiões pesquisadas as variáveis Educação/Capacitação/Treinamento, Tecnologia e Inovação, Capital Cultural, Localização e Sucessão Familiar foram percebidas pelos agricultores como influenciadoras de bem estar rural. Na região de produtores rurais com nível mais baixo de amadurecimento de Capital Social, o Capital Cultural foi considerado como entrave ao bem estar rural. E na região de produtores rurais com nível mais alto de amadurecimento de Capital Social, a Sucessão Familiar foi considerada como entrave ao bem estar rural.

Tais resultados corroboram o estudo de Wiesinger (2007). O autor defende que o abandono, a paisagem e a mudança de uso do solo, a marginalização econômica e sociocultural (ou seu oposto em termos de estabilidade e prosperidade)

podem causar enfraquecimento do Capital Social, ou muito pelo contrário, riqueza e prosperidade podem facilitar sua criação (WIESINGER, 2007).

E que um contexto rico e próspero, também pode levar para a destruição do tecido social tradicional, sem criar uma nova. Uma área marginal, de acordo com os principais fluxos econômicos e sociais podem ainda realizar Capital Social viável, embora ameaçada pelo êxodo de pessoas mais ativas, principalmente jovens (WIESINGER, 2007).

O campo é vasto para novas pesquisas. A compreensão de como o nível de amadurecimento do Capital Social impacta no bem estar rural pode contribuir na formulação de políticas públicas sociais para promover o bem estar de agricultores familiares e colaborar, por exemplo, para a promoção de uma agenda cultural que estimule a economia em regiões rurais; da inserção de mulheres no campo e da redução do dilema da sucessão familiar nas propriedades rurais, em tempos onde o acesso à internet e a novas tecnologias estão impactando diretamente os processos de produção. (UMANS; ARCE, 2014; LOWDER *et al.* 2014; STATHOPOULOU *et al.* 2004).

Este estudo é iniciado com uma breve introdução sobre o tema; em seguida, o referencial teórico sobre Agricultura Familiar, Capital Social e Bem Estar Rural. Na sequência, são apresentados metodologia e instrumentos de pesquisa utilizados, apresentação das análises e discussões dos resultados encontrados, além da conclusão e sugestões de futuras pesquisas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 AGRICULTURA FAMILIAR

Apesar do poder econômico do agronegócio, a maioria das propriedades rurais ainda é explorada por agricultores familiares e, portanto, continua a ser importante entender a dinâmica familiar e seu desempenho (WHEELER *et al.* 2012).

Estimativas da literatura agrícola dão conta de que existem pelo menos 570 milhões de explorações agrícolas em todo o mundo, em que mais de 500 milhões delas podem ser consideradas de base familiar (LOWDER *et al.* 2014). Nota-se que, apesar das reduzidas áreas, e por isso, isoladamente, não produzirem expressivos volumes, a agricultura familiar possui alta relevância social e cultural.

A agricultura familiar possui relevada importância econômica no Brasil. Responde por “mais de 40% do valor bruto da produção agropecuária e 74% da mão-de-obra nas propriedades rurais do país”, segundo dados do Censo Agro (IBGE, 2006). O conceito de agricultura familiar é recorrente na legislação brasileira e é definido pelo IBGE (2006) como:

Considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.

O conceito é distinto, por exemplo, do utilizado nos Estados Unidos, onde são incluídas propriedades rurais de todas as extensões, desde aquelas com baixos níveis produção até as “multimilionárias”, porém todas conduzidas pelas

famílias, de acordo com dados da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura-FAO. São as conhecidas “small family farms” que respondem por 21% da produção agrícola norte-americana (MACDONALD *et al.* 2013).

2.2 CAPITAL SOCIAL

Após a década de 90, o conceito de Capital Social tem recebido destaque em uma série de estudos acadêmicos e debates teóricos como ferramenta para explicar e impulsionar o desenvolvimento econômico e social. No entanto, não existe uma definição acordada de Capital Social (TUNDUI; MACHA, 2014; MOYES *et al.* 2015; WOOLCOCK, 1998; WOODHOUSE, 2006). Como resultado, sua definição permanece ambígua, disputada e vagamente compreendida (TUNDUI; MACHA, 2014).

Do mesmo modo, não há consenso na literatura sobre como o Capital Social deveria ser medido (TUNDUI; MACHA, 2014). Fukuyama (1999) chega a afirmar que a maior falha do conceito de Capital Social é a falta de unanimidade na mensuração (GROOTAERT, 2002). Em essência, este problema surge devido ao fato de que o Capital Social é multidisciplinar, multidimensional e multifuncional, e por ter relação estreita com outras formas de capital, especialmente de capital humano (TUNDUI; MACHA, 2014).

Para alguns estudiosos trata-se de benevolência criada através de relações sociais que podem ser mobilizadas a fim de facilitar a realização dos recursos, influência e metas definidas (WOOLCOCK, 1998; ADLER; KWON, 2002), mas que

tem sido incorporado com sucesso à discussão sobre as interações, a fim de identificar também circunstâncias sociais (JONES *et al.* 2011).

Através de publicações de Bourdieu (1986), Coleman (1990), Putnam *et al.* (1993) e Putnam (1995, 1997, 2000), Fukuyama (1996), Nahapiet e Ghoshal (1998), o conceito tornou-se conhecido e utilizado em diversos campos científicos. Apesar de não existir uma definição amplamente aceita de Capital Social, ela tem sido utilizada com sucesso em vários campos científicos, como um parâmetro explicativo para questões individuais e coletivas (JONES *et al.* 2011; WOODHOUSE, 2006).

Niehm *et al.* (2008), por exemplo, reforçam a afirmação de Putnam *et al.* (1993) de que o Capital Social é realmente um conjunto de recursos presentes na comunidade que auxiliam no desempenho em vários níveis, inclusive o econômico. Comunidades com elevado Capital Social são mais propensas a terem altos níveis de voluntarismo, governo local mais eficaz (PUTNAM, 1997; WOOLCOCK, 1998), níveis mais baixos de criminalidade, empresas mais responsáveis socialmente e melhor qualidade de vida nas cidades (BESSER, 2008), empresas mais bem-sucedidas (BESSER, 2009), e em geral resultados econômicos positivos; maior igualdade econômica e estabilidade no emprego (WOOLCOCK; NARAYAN, 2000; PUTNAM, 1993); mais confiança entre agricultores, melhores índices de educação, menores custos de transação, melhor intercâmbio de informações e acesso ao crédito (FAFCHAMPS; MINTEN 2001); facilidade ou restrição no desenvolvimento de redes de negócios (RING *et al.* 2010).

Bourdieu (1986), que o concebeu como um ativo, entre quatro formas de capital (os outros apontados pelo autor são cultural, simbólica e econômica) é particularmente útil, como sua conceitualização detalhada apresenta uma

abordagem holística de Capital Social para as redes (MOYES *et al.* 2015). Para além destes analistas, numerosas contribuições teóricas e empíricas têm sido apresentadas na literatura identificando vários fatores que podem ser reconhecidos como componentes de Capital Social (JONES *et al.* 2012).

Na busca pelo conceito de Capital Social e para ajudar a avaliar a sua utilidade para a teoria organizacional, Adler e Know (2002) sintetizaram a pesquisa teórica realizada em várias disciplinas e desenvolveram um quadro conceitual de Capital Social (ADLER; KNOW, 2002), apresentado no Quadro 1.

Definições de Capital Social		
Externo Versus Interno (Laços)	Autores	Definições de Capital Social
Externo	Baker	"Um recurso que os atores derivam de estruturas sociais específicas e, em seguida, usam para garantir seus interesses; criado por mudanças na relação entre os atores" (1990: 6 19).
	Belliveau; O'Reilly; Wade	"A rede pessoal de indivíduos e afiliações institucionais de elite" (1996: 1572).
	Bourdieu	"O total dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento mútuo ou reconhecimento" (1986 2 48).
	Bourdieu	"Composta de obrigações sociais ('conexões'), que é conversível, em determinadas condições, em capital econômico e pode ser institucionalizado sob a forma de um título de nobreza" (1986: 243).
	Bourdieu; Wacquant	"A soma dos recursos, reais ou virtuais, que revertem para um indivíduo ou um grupo, em virtude de possuir uma rede durável mais ou menos institucionalizada, relações de conhecimento mútuo e reconhecimento" (1992: 119).
	Boxman; De Graaf; Flap	"O número de pessoas que podem ser esperados para prestar apoio e os recursos dessas pessoas têm à sua disposição" (1991: 5 2).
	Burt	"amigos, colegas e contatos mais gerais pelos quais recebem oportunidades de usar o seu capital financeiro e humano" (1992: 9). "As oportunidades de relacionamentos em rede" (1997b: 3 55).
	Knoke	"O processo pelo qual os atores sociais criam e mobilizam suas conexões de rede e entre as organizações para obter acesso aos

		recursos de outros atores sociais" (1999: 18).
	Portes	"A capacidade dos atores para assegurar benefícios em virtude de participação em redes sociais ou outras estruturas sociais" (1998: 6).
	Brehm; Rahn	"A teia de relações de cooperação entre os cidadãos que facilitam a resolução de problemas de ação coletiva" (1997: 999).
	Coleman	"O Capital Social é definido pela sua função. Não é uma simples entidade, mas uma variedade de diferentes entidades que têm duas características em comum: Todos eles consistem em algum aspecto da estrutura social e facilitam certas ações dos indivíduos que estão dentro da estrutura "(1990: 302).
	Fukuyama	"A capacidade das pessoas para trabalhar em conjunto para fins comuns em grupos e organizações" (1995: 10).
		"O Capital Social pode ser definido simplesmente como a existência de um certo conjunto de valores informais ou normas compartilhadas entre os membros de um grupo que permitem a cooperação entre eles" (1997).
	Inglehart	"Uma cultura de confiança e tolerância, em que surgem extensas redes de associações voluntárias" (1997: 188).
	Portes; Sensenbrenner	"Essas expectativas para a ação dentro de uma coletividade que afetam os objetivos econômicos e objetivo, buscando comportamentos dos seus membros, mesmo se essas expectativas não são orientadas para a esfera econômica" (1993: 1323).
	Putnam	"características da organização social, tais como redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e a cooperação para benefício mútuo" (1995: 6 7).
Thomas	"Esses meios e processos voluntários desenvolvidos dentro da sociedade civil que promovem desenvolvimento para todo o conjunto "(1996: 11).	
Ambos	Laury	"Ocorrência natural das relações sociais entre as pessoas que promovem ou assistem a aquisição de habilidades e traços valorizados no mercado; um ativo que pode ser tão significativo como legados financeiros em contabilidade para a manutenção da desigualdade em nossa sociedade "(1992: 100).
	Nahapiet; Ghoshal	"a soma dos recursos reais e potenciais disponíveis presentes internamente e derivados a partir da teia de relações possuídas por uma unidade individual ou social.; compreende, tanto a rede e os ativos que podem ser mobilizados através dela" (1998: 243).
	Pennar	"A teia de relações sociais que influencia o comportamento individual que afeta o crescimento econômico" (1997: 154).
	Schiff	"O conjunto de elementos da estrutura social que afeta as relações entre as pessoas e são entradas ou argumentos da função de produção e / ou utilidade" (1992: 160).
	Woolcock	"Informação, confiança e normas de reciprocidade inerentes à sua rede social" (1998: 153).

Quadro 1 – Definições de Capital Social - ADLER; KNOW, 2002.

2.2.1 Capital Social e a “força dos laços”

Os trabalhos de Granovetter (1973, 1983) sobre a força dos laços (artigo seminal sobre análise das redes sociais) sugerem que as conexões externas temporárias criam laços fracos que proporcionam uma ponte entre um ator e outro, a partir de um grupo de outra forma desvinculada. Laços fortes são aqueles nos quais os membros investem mais tempo, emoções e trocas, como a amizade, por exemplo. Bresser et al. (2008) preferiram a definição de Paxton (1999), que apenas fez referência à ponte e à ligação do Capital Social entre grupos e dentro do grupo, uma vez que esta terminologia não implica que os laços de ponte sejam necessariamente fracos (MARTELETO, 2004).

Em seu estudo com agricultores polacos, Kloczko-Gajewska (2007) relata sérios problemas com a operacionalização do conceito de laços e pontes na pesquisa do Capital Social. A autora sugere que algumas das dificuldades resultam do fato de um determinado grupo ser do tipo de ligação e/ou de tipo ponte, ao mesmo tempo, dependendo do contexto (KLOCZKO-GAJEWSKA, 2007).

Há que se considerar a proximidade territorial em laços de confiança, principalmente em áreas rurais, onde existe um processo contínuo de transformação em curso, onde os meios de vida, a estrutura da população e a coesão social estão em um estado de fluxo. O território é mais do que apenas uma convenção social, no meio rural, o enraizamento a localidades geograficamente próximas ainda é valorizado. E a estreita relação entre as pessoas e experiências individuais de longo prazo com um território aumenta o Capital Social (WIESINGER, 2007).

Em um estudo de Hwang e Stewart (2016) realizado na Coreia do Sul sobre Capital Social e tipos específicos de relações pessoais que incentivam a ação

coletiva dos residentes para o desenvolvimento rural, resultados indicaram que a qualidade das próprias redes sociais é relevante para a propensão do desenvolvimento rural, neste caso, do agroturismo, bem como o relacionamento com o líder da comunidade, os laços pessoais entre os moradores e organizações sociais e o número de conexões com outros residentes e a qualidade destes laços (HWANG; STEWART, 2016).

2.2.2 Capital Social, Desenvolvimento Econômico Rural e Cooperação

Apesar de enormes meios financeiros e numerosas medidas, o resultado do desempenho financeiro rural continua a ser insatisfatório em muitas regiões (WIESINGER, 2007). Há um emergente consenso sobre a importância das relações sociais em desenvolvimento. Instituições como o Banco mundial criaram uma extensa base de conhecimento e investigação em todo o mundo (WOOLCOCK; NARAYAN, 2000).

A busca por evidências do impacto do Capital Social sobre o desempenho econômico de organizações, urbanas e rurais, vem sendo uma questão recorrente na literatura científica, sob várias perspectivas (BESSER, 2009; BOURDIEU, 1986; COLEMAN, 1990; PUTNAM *et al.* 1993; PUTNAM, 1995, 1997, 2000; WOODHOUSE, 2006; SVENDSEN; SORENSEN, 2006; SVENDSEN *et al.* 2009; WESTLUND; ADAM, 2010; KOUTSOU *et al.* 2014; MOYES *et al.* 2015; UMANS; ARCE, 2014; WIESINGER, 2007; MAMUN *et al.* 2016).

Putnam (1997) coordenou uma pesquisa por mais de 20 anos e defendeu ser o Capital Social a variável fundamental do sucesso contínuo do desenvolvimento

econômico da região do norte da Itália, em detrimento ao sul do país, economicamente subdesenvolvido e apontou que características de organização social, tais como normas, confiança e redes de engajamento cívico (associações) podem melhorar substancialmente a eficiência de uma sociedade na superação dos dilemas em ações coletivas (WIESINGER, 2007).

Em reconhecimento dos desafios que enfrentam o rural regional, Woodhouse (2006) afirmou ser pertinente a discussão sobre o Capital Social nas zonas rurais. E que a promoção de elevados níveis de Capital Social aliado ao desenvolvimento de capital físico e humano, bem como uma gama de outras iniciativas são ingredientes-chaves para o sucesso da economia local.

Em uma abordagem na Austrália, Woodhouse (2006) concluiu que uma cidade que indica alto nível de Capital Social também apresentará elevado nível de desenvolvimento econômico, enquanto outra com baixo nível de Capital Social exibirá reduzido nível de desenvolvimento econômico.

Boix e Porner (1998) alegam que a cooperação engloba conceitos como associativismo, cooperativismo, em um conceito mais amplo e que o trabalho seminal de Putnam et al. (1993) procurou focar principalmente os significados teóricos e empíricos dos conceitos de Capital Social e Confiança. Os autores consideraram a agenda de pesquisa certamente promissora, mas “imatura”. No entanto, muitos estudos se sucederam e alcançaram até mesmo os relatórios e recomendações das principais instituições multilaterais de fomento, como o Banco Mundial (BOIX; PORNER, 1998).

O desenvolvimento de Capital Social também se tornou uma meta importante e válida não só em termos da política do governo para o desenvolvimento regional,

mas também para as próprias comunidades, que desejam se esforçar para influenciar a sua viabilidade econômica em longo prazo, assegurando a base econômica de sua comunidade para se adaptar e inovar para atender às novas exigências da economia mundial (WOODHOUSE, 2006).

Outros estudos também propuseram a medição do Capital Social como fator de desempenho econômico rural. Teilman, por exemplo, desenvolveu em seu artigo de 2012 um índice que capta a essência de Capital Social. O estudo apoia a associação entre acumulação do Capital Social e crescimento econômico e discute iniciativas para estimular o desenvolvimento de zonas rurais (TEILMAN, 2012). Os resultados de Teilman (2012) apontam para a estimulação de pequenos projetos de desenvolvimento local, em detrimento de grandes iniciativas.

Capital Social, no entanto, pode incorrer em consequências negativas. Em seu estudo publicado em 1998, WOOLCOCK afirma, por exemplo, que o Capital Social pode justificar medidas de políticas públicas contraditórias, o que pode explicar, em parte, por ter sido aproveitada por defensores de todos os pontos da política, inclusive em questões relacionadas à corrupção e nepotismo (WOOLCOCK, 1998; MOYES *et al.* 2015).

Um estudo de Shortall (2008) realizado na Irlanda do Norte argumenta que programas de desenvolvimento rural podem estar interpretando mal os processos sociais de participação e, conseqüentemente, rotulando alguns grupos socialmente excluídos, devido, em parte, à utilização confusa dos conceitos de inclusão social, de Capital Social e de engajamento cívico.

Para compreender o declínio do Capital Social em pequenas cidades, o estudo de Besser (2009) considerou a diminuição do capitalismo local, o aumento da

desigualdade de renda e o envelhecimento da população. Para lançar luz sobre o papel dos fatores econômicos sobre Capital Social e engajamento cívico, a renda familiar média e os níveis de emprego foram adicionados para as análises do referido estudo (BESSER, 2009).

Nardone et al. (2010) introduziram um método que consideraram adequado para a medição do Capital Social no contexto das políticas de desenvolvimento rural capaz de caracterizar três dimensões principais: estruturais, relacionais e cognitivas, o que os permitiu construir outros indicadores.

2.2.3 Cooperação

Para Tsai e Goshal (1998) a cooperação e a reciprocidade só surgem quando há confiança. Coleman (1990) afirma que no processo de cooperação as normas sociais são primordiais, quando duas ou mais pessoas descobrem que cooperar é interesse comum (WOOLCOCK, 1998).

O que de fato pode ser necessário é maior esforço para garantir que comunidades rurais regionais estejam envolvidas em debates políticos amplos e parcerias que reconhecem o valor da cooperação e colaboração entre as divisões tradicionais (SORENSEN, 2000; WOODHOUSE, 2006).

Tregear e Cooper (2016) corroboram com a literatura científica sobre desenvolvimento no que tange à importância do engajamento de produtores rurais em ações coletivas, como grupos comunitários, associações ou redes. No entanto, destacam que os estudos tendem para uma interpretação restrita, pois não é apenas a troca de conhecimento e aprendizagem que trazem benefícios. O trabalho revelou que, ao invés do contexto da comunidade local, que tende a dominar a literatura, são

normas e hábitos que formam as relações mais significativas neste setor (TREGGAR; COOPER, 2016).

2.2.4 Redes Sociais

Um dos elementos habitualmente utilizados na literatura do Capital Social é o de redes sociais (COLEMAN, 1990), visto como a articulação dos fluxos de informação e recursos que produzem desenvolvimento rural e da sociedade em geral (WIESINGER, 2007). Sob a forma de confiança, redes sociais são subprodutos da coletividade, como a participação em associações cívicas (WOOLCOCK, 1998). Estudos enfatizaram relações simétricas de confiança interpessoal (PUTNAM *et al.* 1993; PUTNAM, 2000; COLEMAN, 1990) e investigaram confiança e respeito também a um nível individual (WOOLCOCK, 1998).

Marteletto (2004) afirma que a situação adequada para as comunidades é segmentar o seu Capital Social entre três formas de redes sociais, para atender a questões importantes para conquistas da comunidade. Seriam elas: “i) confiança e comprometimento; ii) ampliação das fontes de informações e conhecimento; iii) acesso às instituições e ao poder “ (MARTELETO, 2004).

No entanto, autores como Beugelsdijk criticam que a força unificadora do conceito de Capital Social baseada principalmente sobre a semântica de confiança e redes é superficial, e que vários níveis de análise podem produzir diferenças fundamentais em suas aplicações (BEUGELSDIJK, 2009).

Tsai e Goshal (1998) sugeriram e demonstraram que cada dimensão de Capital Social reforça a criação de outras dimensões do construto. Seus resultados são claramente encorajadores em termos ligados a estrutural, relacional e dimensões cognitivas do Capital Social e mostraram como interagiram dentro de

uma organização e forneceram suporte empírico para o estudo de Nahapiet e Ghoshal (1998). Mamun *et al.* (2016) estenderam seus estudos sobre o Capital Social entre mulheres empreendedoras na Malásia e como seus resultados são altamente interrelacionadas, em concomitância com o trabalho de Nahapiet e Ghoshal (1998).

Wiesinger (2007) aponta no trabalho de Putnam (2000) como uma "sociedade conectada", que é rica em Capital Social, pode promover o desenvolvimento rural com mais facilidade. Uma rede de indivíduos bem-conectados em uma sociedade mal conectada não se torna produtiva. Mas um indivíduo mal conectado pode obter alguns benefícios colaterais se viver em uma comunidade bem conectada (WIESINGER, 2007).

O estudo sobre redes sociais tem se ampliado em várias vertentes. No campo virtual, a pesquisa de Yokoyama e Sekiguchi (2014), por exemplo, apresentou uma análise qualitativa com o objetivo de analisar como as empresas brasileiras estão usando ferramentas digitais em sites abertos como Twitter, LinkedIn e Facebook para alcançar seus objetivos estratégicos corporativos.

2.2.5 Confiança Institucional

Outro elemento de Capital Social é a confiança das instituições, identificado como um componente de Capital Social por meio do trabalho de Coleman (1990). Desde então, a confiança institucional foi incluída em vários estudos empíricos de Capital Social, por exemplo, Paxton (1999). Este elemento pode ser considerado como um reflexo da percepção do nível de eficácia institucional e um indicador de satisfação dos cidadãos com o desempenho das instituições (KIM, 2013). Para os

pequenos agricultores, os bens públicos são particularmente importantes (WIGGINS *et al.* 2010).

2.2.6 Confiança Governamental

WIGGINS *et al.*, 2010 salientam em seu estudo a importância do apoio governamental na implementação de políticas gerais para apoiar o desenvolvimento dos pequenos agricultores, seja em estradas, serviços de saúde, água tratada e escolas, investimentos na pesquisa e extensão agrícola, assim como Boix e Posner (1998), chamaram a atenção para a necessidade de uma explicação sobre as ligações entre o Capital Social e a eficácia governamental.

Financiamento de governos locais é fundamental ao potencial de crescimento das regiões. Financiamento, infraestrutura e serviços públicos podem atrair famílias e empresas para se estabelecerem em uma região e, em seguida, finalmente, estimular a economia local (DELLER *et al.* 2001).

2.2.7 Confiança Familiar e Social

Distintamente da maioria dos outros setores maduros, empresas familiares, parcerias e cooperativas dominam o setor da produção agrícola, com poucas corporações e acesso limitado ao capital derivado de uma fonte que não seja lucro acumulado e proprietários existentes (MONDELLI; KLEIN, 2013).

Relações familiares nas empresas apresentam características singulares como motivação incomum, lealdade e confiança e custos menores de transação (TSAI; GHOSHAL, 1998; NAHAPIET; GHOSHAL, 1998), relação positiva de

desempenho (NIEHM, 2008), menos endividamento e mais conservadorismo em seus investimentos, buscando utilizar mais equidade do que capital de terceiros (SEGURA; FORMIGONI, 2014).

Sanders e Nee (1993) apontam que as relações sociais do agregado familiar facilitam o aporte financeiro para a criação e o funcionamento de pequenas empresas, a geração de autoempregos, principalmente entre imigrantes (SANDERS; NEE, 1993).

Os responsáveis políticos devem reconhecer as muitas contribuições de empresas familiares e forjar políticas de desenvolvimento rural que não só ajudam a manter os negócios existentes, mas incentivem o desenvolvimento do capital humano, que, por sua vez, aumentam as contribuições da família e os negócios para a sua comunidade (FITZGERALD *et al.* 2010).

Danes *et al.* (2008) apontam a importância do suporte de membros da família e da comunidade na mobilização de recursos, crédito e fornecedores para as empresas e a motivação para desempenhar o trabalho de forma cooperada, por exemplo, na atração de clientes e na prestação de serviços de qualidade, graças à boa vontade e à confiança mútua e por representarem o nome da família (DANES, 2008).

2.2.8 Civismo, Religiosidade, Patriotismo e Cidadania

Capital Social promove níveis mais elevados de desempenho, desenvolvimento econômico e engajamento cívico (uma estrutura cooperativa e generalizada de confiança), que leva à acumulação de Capital Social, sob a forma

de cooperativas e redes inclusivas que são economicamente produtivas (PUTNAM, 1997; SVENDSEN; SORENSEN, 2006).

Uma métrica comum utilizada em Capital Social é o pertencimento a associações, redes formais e informais. Nos países em desenvolvimento em geral, e nas zonas rurais, em particular, medidas para capturar a solidariedade da comunidade em festivais, eventos desportivos informais, e outros métodos tradicionais de promoção da conectividade são muito importantes (WOOLCOCK; NARAYAN, 2000).

A infraestrutura social, medida pela existência de organizações civis ativas, de empresas locais que suportam projetos comunitários, a capacidade de mobilização e vínculos com as comunidades próximas, afeta positivamente o autodesenvolvimento de comunidades rurais (CROWE, 2006).

Redes de engajamento como associações de bairro, corais, cooperativas, clubes desportivos, com base em aglomerações, representam intensa interação horizontal e promovem essencialmente confiança, reciprocidade e cooperação social. Em contraste, as redes verticais, como relacionamentos patrões-funcionários podem, de acordo com Putnam (2000), não sustentar a confiança social e a cooperação o bastante e tendem a minar a solidariedade (WIESINGER, 2007).

Besser (2009) confirmou os resultados do trabalho de Putnam (2000) ao afirmar que o Capital Social está associado ao engajamento cívico, mas que tem diminuído nos Estados Unidos, mesmo em pequenas cidades, consideradas modelos de estreitas relações pessoais. Os resultados revelaram que o Capital Social tem diminuído, mas aumentado um tipo de engajamento cívico.

Sobre o declínio do Capital Social identificado por Putnam (2000) na sociedade americana, Stolle e Hooghe (2005) pontuam em um artigo teórico de 2005 que este fenômeno pode fazer parte de uma excepcionalidade, e que Capital Social, em outros lugares do mundo não passa por declínio, mas por hábitos e aspectos de uma sociedade pós-moderna, com grupos, novas formas de participação política, influência de países, comportamentos e aspectos ainda não pesquisados, como mudanças no cenário global de ordem política, econômica e social (STOLLE; HOOGHE, 2005).

O estudo de Svendsen e Sorensen (2006) mostrou a complexidade de se mensurar estatisticamente a influência de um capital intangível como o social, e, pontualmente o engajamento cívico, como uma alavanca para o progresso econômico. Segundo os autores, é necessário considerar o aspecto antropológico do engajamento cívico, já que, em uma investigação de caráter quantitativa, o engajamento cívico não influenciou de maneira positiva o desempenho econômico da comunidade rural em questão, no entanto, uma investigação qualitativa apontou para o poder socioeconômico deste elemento de Capital Social.

Outro estudo, de Sorensen (2012), realizado na Dinamarca, testou a tese de Putnam (1997), de que engajamento cívico promove uma estrutura cooperativa e generalizada e que isto leva a acumulação de Capital Social, sob a forma de redes inclusivas de cooperação que são economicamente produtivas. A resposta foi negativa. Assim, testes revelaram que as densidades de associação não demonstram de forma alguma influenciar os níveis de desempenho econômico da amostra dinamarquesa, isto é, os dados não fornecem nenhuma evidência de que maior densidade de associações está positivamente relacionada com os níveis mais elevados de desempenho econômico (SVENDSEN; SORENSEN, 2006).

Note que na era da globalização ou pós-modernidade, áreas rurais estão sujeitas as várias transformações de processos que reformulam os padrões socioeconômicos locais. Muitos destes processos têm impacto negativo sobre o engajamento cívico. Por exemplo, as pessoas têm menos tempo para participar voluntariamente de associações locais. Televisão, comunicação em massa e internet produzem um tipo de vizinhança virtual (WIESINGER, 2007).

2.2.9 Infraestrutura, Localização, Tecnologia e Inovação

Localização, recursos naturais e a paisagem, Capital Social, governança rural, as redes sociais e de negócios, bem como tecnologias de informação e comunicação, exercem influências dinâmicas e complexas sobre atividades empresariais nas zonas rurais (STATHOPOULOU *et al.* 2004).

Localização é um fator relevante no desempenho econômico de agricultores. Está relacionada com a distância e limita o acesso a principais mercados, clientes, fornecedores, fontes de informação e instituições. Afetam os custos de transporte de entradas e saídas e tem implicações sobre divulgação e informações. Impedem, por exemplo, economias de escala e a difusão de certas formas de novas tecnologias, limitam movimentos trabalhistas e instrumentos de política (STATHOPOULOU *et al.* 2004).

A difusão da inovação é outro aspecto que pode impactar positivamente o desempenho de agricultores familiares. Por difusão da inovação entende-se uma situação em que a adoção antecipada do bem e de ideias inovadoras é facilitada por ampla associação entre os membros da sociedade (WOODHOUSE, 2006).

Para Marteleto (2004, pág. 42), não se deve confundir o Capital Social com o Capital Humano, nem com Infraestrutura:

O Capital Humano envolve habilidades e conhecimentos das pessoas que, junto com outras características individuais e o esforço aplicado, aumentam as possibilidades de produção e de bem-estar pessoal, social e econômico. Parte desse capital está associada ao processo, formal ou informal, de aprendizagem pelo qual todos passam, mas tanto a sua aquisição quanto o seu uso são processos relacionados ao indivíduo. A infraestrutura refere-se ao conjunto fundamental de instalações e meios para que a produção se realize e se distribua.

Para a promoção de maior crescimento agrícola é necessário investimento substancial em infraestrutura rural (AGARWAL; BINA, 2010). No desenvolvimento rural já existem relações obrigatórias, afetadas pelas transferências de capital e tecnologia (UMANS; ARCE, 2014).

2.2.10 Capital Cultural

Em seu estudo de 2009 sobre métricas determinantes de desempenho econômico em áreas rurais, Agarwal apontou que Capital Cultural foi identificado como uma dimensão explicativa de desempenho e que há crescente reconhecimento de que o crescimento agrícola precisa de investimento substancial em infraestrutura rural, investigação de culturas e práticas agrícolas melhoradas (AGARWAL, 2010).

Matarasso (1999) considerou capital cultural como um aspecto do capital humano, algo que um indivíduo pode acumular ao longo do tempo através de talentos, habilidades, treinamento e exposição à atividade cultural. Para Bourdieu (1986) deriva sua contribuição analítica das noções de prática social e da reprodução social de símbolos e significados.

2.2.11 Capital Ambiental

O abandono, a paisagem e a mudança de uso do solo, a marginalização econômica e sociocultural (ou seu oposto em termos de estabilidade e prosperidade) pode causar enfraquecimento do Capital Social, ou muito pelo contrário, riqueza e prosperidade pode facilitar sua criação (WIESINGER, 2007).

Ou seja, um contexto rico e próspero, também pode levar para a destruição do tecido social tradicional, sem criar uma nova. E uma área marginal, de acordo com os principais fluxos econômicos e sociais podem ainda realizar Capital Social viável, embora ameaçada pelo êxodo de pessoas mais ativas, principalmente jovens (WIESINGER, 2007).

O comportamento ambiental foi explorado no estudo de Jones et al. (2011) como uma consequência do nível de conformidade e cooperação dos cidadãos com diferentes políticas ambientais. Os resultados mostram que o Capital Social é um fator importante para facilitar a compreensão do comportamento do cidadão neste caso, na implementação de uma política ambiental, como uma consequência do nível de conformidade e cooperação dos cidadãos com diferentes políticas ambientais (JONES *et al.* 2011).

Estudiosos de desenvolvimento sustentável, Marsden e Smith (2005) exploraram em seu trabalho a importância de redes especializadas na formulação de respostas locais e regionais para o aprofundamento da crise da agricultura convencional na União Europeia e a necessidade de compreensão para novas formas de redes e de pesquisa em componentes geográficos e sociais dessas tendências (MARSDEN; SMITH, 2005).

2.2.12 Mulheres no Campo

As mulheres são muitas vezes as promotoras da coesão da vida social com suas redes formais e informais (WIESINGER, 2007). Como muitos homens têm se movido para fora da agricultura, deixando para trás as mulheres em suas propriedades, atualmente ocorre o fenômeno da feminização da agricultura (AGARWAL; BINA, 2010).

Além disso, embora haja um crescente reconhecimento de que, para maior crescimento agrícola são necessários investimentos substanciais em infraestrutura rural, a investigação de culturas e práticas agrícolas melhoradas, há muito pouco reconhecimento ainda da evolução demográfica para os agricultores do sexo feminino (AGARWAL; BINA, 2010).

2.2.13 Juventude Rural e Sucessão Familiar

Estudiosos reconheceram que a dinâmica familiar pode influenciar significativamente as estratégias de adaptação e sucessão. E dentre outras constatações, apontam para que proprietários das terras se atentem não apenas para a revitalização da empresa agrícola, políticas de agricultura, uso da terra e políticas econômicas, mas para fatores sociais que impactam na longevidade e crescimento da propriedade. Poucos estudos têm analisado diretamente esses fatores familiares, particularmente sucessão rural (INWOOD; SHARP, 2012).

Inwood e Clark (2013) pesquisaram sobre sucessão da propriedade entre jovens de fazendas americanas e observaram a complexidade da questão e

descreveram as diferenças entre as gerações jovens e antigas multigeracionais e o quanto essa diferença pode influenciar a estrutura da agricultura na interface rural-urbano (INWOOD; CLARK, 2013).

Em uma investigação sobre Capital Social entre jovens da Grécia, o trabalho de Koutsou et al., (2014) produziu duas conclusões. Em primeiro lugar, o Capital Social de jovens agricultores na sociedade rural grega é limitado, considerando que tanto a participação de organizações voluntárias (especialmente em grupos de produtores) e o nível de confiança, como retratado na análise empírica, são baixos. Em segundo lugar, a confiança dos jovens agricultores em instituições (Confiança Institucional) está ligada à fraca participação em ações coletivas. Por outro lado, jovens agricultores com reduzida confiança às instituições e maior confiança para os indivíduos (Confiança Social) são predominantemente aqueles que se esforçam em ações coletivas, que lhes permitam tornarem-se flexíveis, a fim de se adaptarem melhor às novas condições (KOUTSOU *et al.* 2014).

2.3 BEM ESTAR RURAL

As graves crises financeiras internacionais a partir do final do século XX colocaram em xeque algumas das principais economias do planeta e estimulam uma reflexão sobre o modelo de desenvolvimento adotado pela maioria dos países. Percebe-se que, por mais importante que sejam o crescimento econômico e o acúmulo de riquezas pelas nações, elas não podem se sobrepor ao bem-estar das pessoas (STIGLITZ *et al.* 2009).

Stiglitz *et al.* (2009) defendem que para entender o conceito de bem-estar é necessário recorrer a uma definição multidimensional, a partir de pesquisas

mundiais, onde foram identificadas dimensões que devem ser observadas e apreendidas simultaneamente:

I. As condições de vida materiais (rendimento, consumo e riqueza) ; II. A saúde; III. A educação; IV. As atividades pessoais, entre elas o trabalho; V. A participação na vida política e na governança; VI. Os laços e relações sociais; VII. O meio ambiente (situação presente e futura); VIII. A insegurança, tanto econômica quanto física. Todas essas dimensões modelam o bem-estar de cada um; entretanto, muitas delas são ignoradas pelas ferramentas tradicionais de medição dos rendimentos.

Indicadores econômicos e sociais como o Produto Interno Bruto (PIB) e o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), ainda os mais utilizados, são importantes ferramentas para a elaboração de políticas públicas para o desenvolvimento e impactam na definição das estratégias das organizações. Aprimorá-los é, sem dúvida, uma medida que traz avanços no planejamento das ações dos setores público e privado (STIGLITZ *et al.* 2009).

Autoridades políticas e cientistas questionam os limites do PIB como indicador do desempenho econômico e do progresso social e investigam problemas relativos à sua mensuração. Estudos buscam identificar informações complementares que poderiam ser necessárias para chegar aos indicadores de progresso social mais pertinentes, ao avaliar a aplicação de novos instrumentos de medida e discutir a apresentação adequada de informações estatísticas. Para atender a essa crescente demanda por informações, a própria oferta de estatísticas tem aumentado consideravelmente e hoje abrange novas áreas e novos fenômenos (STIGLITZ *et al.* 2009).

Deslocar a ênfase não significa desautorizar as medidas do PIB e da produção. Importa, entretanto, pôr ênfase no bem-estar, pois existe um distanciamento crescente entre as informações veiculadas pelos dados agregados

do PIB e aquelas que importam verdadeiramente para o bem-estar dos indivíduos. (STIGLITZ *et al.* 2009).

Em 1990 e com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), foi lançado o Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) por uma equipa liderada por Mahbub ul Haq e pelo economista indiano Amartya Sen. Definindo o Desenvolvimento Humano como um “processo de ampliação das escolhas das pessoas para que tenham capacidade e oportunidade de ser o que desejem ser”, reposicionaram o crescimento económico como constituindo um meio, mas não o único, para se atingir o verdadeiro desenvolvimento humano (ABREU, 2014).

O trabalho de Kageyama (2004) por exemplo, propôs uma medida para o desenvolvimento rural, o IDR (Índice de Desenvolvimento Rural), composto por quatro sub-índices, contemplando o aspecto populacional, o económico, o social e o ambiental, classificados em três faixas de desenvolvimento: alto, médio e baixo (KAGEYAMA, 2004). O indicador tem por objetivo mensurar o desenvolvimento rural levando-se em conta alguns aspectos mais importantes contidos na multissetorialidade do espaço rural (ARAÚJO, 2010).

Conterato *et al.* (2004) propuseram em seu estudo a construção de um Índice de Desenvolvimento Rural (IDR) que permitisse estabelecer parâmetros de comparação entre três microrregiões brasileiras considerando-se cinco dimensões: social, demográfica, político-institucional, económica e ambiental. Os autores concluíram que o desenvolvimento regional e rural é um processo diverso, em suas manifestações espaciais, e multifacetadas nas dimensões consideradas (CONTERATO *et al.* 2009).

Bates (2009) em seu estudo, descreve mais um indicador, proposto em 1972, o da Felicidade Interna Bruta (FIB), pelo rei butanês Jigme Singya Wangchuck:

Desde então, o reino de Butão, com o apoio do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), começou a colocar mais este conceito em prática, e atraiu a atenção do resto do mundo com sua fórmula para medir o progresso de uma comunidade ou nação. Assim, o cálculo da “riqueza” deve considerar outros aspectos, além do desenvolvimento econômico, como a conservação do meio ambiente e o bem estar das pessoas.

2.3.1 Mensuração de Bem Estar

Medir desempenho local é desafiador (AGARWAL *et al.* 2009, WOODHOUSE, 2006). Apesar da existência de um corpo bem conhecido da literatura sobre bem estar rural, uma investigação específica só se iniciou no final de 1980 e início de 1990 (WOODHOUSE, 2006). E não há consenso sobre o tema, já os conceitos de bem estar e desenvolvimento de comunidades são multidimensionais e influenciados por uma complexa interação entre as políticas econômica, humana, social, cultural e ambiental, desigualmente distribuída, de acordo com cada região (AGARWAL *et al.* 2009).

A partir da perspectiva de Putnam e os resultados da pesquisa italiana se originou uma tendência de pesquisas no Brasil e em outros países da América Latina para mostrar como o capital social pode explicar as diferenças de desenvolvimento. A maior dificuldade desta empreitada está na definição dos indicadores para “medir” o capital social (TUNDUI; MACHA, 2014). Fukuyama (1999) chega a afirmar que a maior falha do conceito de Capital Social é a falta de unanimidade na mensuração (GROOTAERT, 2002).

Apesar de que os esforços de Putnam (1995) e Sen e Mendes (2000) se movem na mesma direção, isto é, desvincular os processos de desenvolvimento do crescimento econômico, nota-se que tanto um como outro fundamentam suas conclusões em amplas pesquisas empíricas (SOTO, 2009).

Amartya Sen e Mendes (2000) procuraram demonstrar na sua obra que o desenvolvimento pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais:

Um processo em que as pessoas desfrutam e que o enfoque nas liberdades humanas contraste com as visões mais restritas de desenvolvimento – como as que identificam desenvolvimento com o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), aumento das rendas pessoais, industrialização, avanço tecnológico ou modernização social. Mas as liberdades dependem também de outros determinantes, como as disposições sociais e econômicas, por exemplo, os serviços de educação, saúde e segurança; e os direitos civis, por exemplo, a liberdade de participar de discussões e averiguações públicas.

Para Sen e Mendes (2000) a liberdade não é apenas o fim do desenvolvimento, mas seu meio principal. Ou seja, a liberdade é o meio e o fim do desenvolvimento; e dá acesso aos benefícios que o progresso traz ao bem estar do cidadão (SOTO, 2009).

Para Koutsou (2014), o espaço rural procura por um novo modelo de desenvolvimento, para os quais "flexibilidade" é a palavra-chave, e pode ser alcançada pela própria sociedade através do desenvolvimento de seu Capital Social, que permite a cooperação entre os atores, a fim de atender aos objetivos mútuos. Portanto, o Capital Social não é suficiente por si só para explicar bem estar ou orientar políticas públicas, mas aumentar os benefícios do investimento em outras formas de capital e assegurar a base econômica das comunidades (AGARWAL *et al.* 2009; WOODHOUSE, 2006, KOUTSOU, 2014).

Para Deller *et al.* 2001, existem relações previsíveis entre comodidade, bem estar e desempenho econômico local, sob a influência de diversos fatores, entre eles, carga tributária da propriedade (influência governamental), idade, distribuição de renda e níveis de educação que devem ser considerados. E ainda que qualidade de vida no meio rural passe por um conjunto de variáveis de comodidade e atributos para o crescimento econômico, entre eles condições climáticas: terra, água e lazer (DELLER *et al.* 2001).

Os resultados do estudo de Agarwal *et al.* (2009) sobre os determinantes do bem estar em áreas rurais revelam um intervalo de facetas entre o capital econômico e humano, incluindo os três principais motores da produtividade (habilidades, investimento e empresa), fatores espaciais (periférico e acessibilidade), e outros fatores-chaves como estrutura econômica, infraestrutura do governo, infraestrutura rodoviária e saúde ocupacional (AGARWAL *et al.* 2009).

Baseado em exemplos de sucesso de iniciativas de desenvolvimento rural da Tailândia, Nepal, México e na Índia, Sorensen (2000) apontou que desenvolvimento bem sucedido advém do acesso ao conhecimento, tecnologia e do processo político para alcançar o resultado desejado e que organizações rurais requerem capacidade interna e externa para serem bem sucedidas (SORENSEN, 2000).

Outro estudo sobre os determinantes do desenvolvimento local, de Paul Courtney e Malcom Moseley (2008) promoveu um foco para o debate teórico sobre o dilema para os formuladores de políticas rurais visando a redução das disparidades regionais e locais em face da competitividade global. A interrelação complexa de potenciais fatores explicativos é conceituada em termos de cinco capitais: econômicos, humanos, sociais, ambientais e culturais (COURTNEY; MOSELEY, 2008).

Através de quatro regiões estudadas, um padrão pode ser discernido não somente pela existência de recursos exógenos (por exemplo, investimento interno, infraestrutura de transporte regional, acessibilidade aos mercados e alta qualificação níveis de imigrantes), mas que, áreas mais bem sucedidas apresentam recursos endógenos (por exemplo, arranjos institucionais, parcerias, orgulho cívico, redes eficazes e laços comerciais) para implantar recursos exógenos eficazes (COURTNEY; MOSELEY, 2008).

Terluin (2003) fornece uma visão geral e análise crítica das teorias sobre o desenvolvimento econômico nas regiões rurais em países avançados através de 18 estudos de casos da União Europeia. Seus resultados mostraram que a mistura da abordagem de desenvolvimento exógeno/endógena, liderados pela teoria de exploração de Capital Social e Cultural são amplamente apoiados por evidências empíricas. Em termos gerais, as duas teorias se relacionam com desenvolvimento econômico dada à disponibilidade de trabalho, capital, alta capacidade dos atores locais e fortes redes internas e externas (TERLUIN, 2003).

Mesmo sendo vasto o número de estudos científicos sobre indicadores de desempenho em empresas, não há consenso entre sobre eles (KOTANE; MERLINO, 2012; COSTA, 2013). A avaliação do desempenho de pequenas empresas inclui indicadores financeiros e não financeiros (KOTANE; MERLINO, 2012). Se no caso das micro e pequenas empresas há ausências de medidas objetivas, em propriedades rurais de base familiar, a falta de consenso é ainda mais latente (COSTA, 2013), o que inviabilizaria uma pesquisa do gênero. Escalas de desempenho autopercebido são utilizadas para desempenharem tal função (COVIN; SLEVIN 1989), como utilizadas neste estudo.

Elementos de Capital Social (Base do Construto)	Referências bibliográficas de cada elemento
Cooperação	TSAI; GOSHAL, 1998; WOOLCOCK, 1998; SORENSEN, 2000; WOODHOUSE, 2006; TREGGAR; COOPER, 2016
Redes Sociais	COLEMAN, 1990; WOOLCOCK, 1998; PUTNAM <i>et al.</i> 1993; PUTNAM, 2000; WIESINGER, 2007; MARTELETO, 2004; BEUGELSDIJK, 2009; TSAI; GOSHAL, 1998; MAMUN <i>et al.</i> , 2016 <i>et al.</i> ; 2015; NAHAPIET; GHOSHAL, 1997; YOKOYAMA; SEKIGUCHI, 2014
Confiança Institucional	COLEMAN, 1990; PAXTON, 1999; KIM, 2005; WIGGINS <i>et al.</i> 2010
Confiança Governamental	WIGGINS <i>et al.</i> 2010; BOIX; POSNER, 1998; DELLER <i>et al.</i> 2010
Confiança Familiar e Social	MONDELLI; KLEIN, 2013; TSAI; GHOSHAL, 1998; NAHAPIET; GHOSHAL, 1998; NIEHM, 2008; SEGURA; FORMIGONI, 2014; SANDERS; NEE, 1993; FITZGERALD <i>et al.</i> 2010
Civismo, Religiosidade, Patriotismo e Cidadania	PUTNAM, 1997, 2000; SVENDSEN; SORENSEN, 2006; WOOLCOCK; NARAYAN, 2000; CROWE, 2006; WIESINGER, 2007; BESSER, 2009; STOLLE; HOOGHE, 2005; SVENDSEN; SORENSEN, 2006; SORENSEN, 2012; SVENDSEN; SORENSEN, 2012; WIESINGER, 2007
Infraestrutura, Localização, Tecnologia e Inovação	STATHOPOULOU <i>et al.</i> 2004; WOODHOUSE, 2006; MARTELETO; 2004; AGARWAL; BINA, 2010; UMANS; ARCE, 2014
Capital Cultural	AGARWAL, 2010; MATARASSO, 1999; BOURDIEU, 1996
Capital Ambiental	WIESINGER, 2007; JONES <i>et al.</i> 2011); MARSDEN; SMITH, 2005; NAHAPIET; GHOSHAL, 1998
Mulheres no Campo	WIESINGER, 2007; AGARWAL; BINA, 2010
Juventude Rural e Sucessão Familiar	KOUTSOU <i>et al.</i> 2014; INWOOD; CLARK, 2013; INWOOD; SHARP, 2012

Quadro 2 – Referências Bibliográficas

Portanto, como uma vasta literatura tem encontrado no conceito de Capital Social elementos para superação de obstáculos, ganhos de produtividade, desenvolvimento local e bem estar de produtores rurais, que se alinham ao objetivo deste trabalho, o desenho desta pesquisa foi construído, como apresentado na Figura 1, a partir de alguns destes elementos: Cooperação; Redes Sociais; Confiança Institucional; Confiança Governamental; Confiança Familiar e Social; Civismo, Religiosidade, Patriotismo e Cidadania; Infraestrutura, Localização, Tecnologia e Inovação; Capital Cultural; Capital Ambiental; Mulheres no Campo; Juventude Rural e Sucessão Familiar.



Figura 1 – Desenho de Pesquisa. Elaborado pela autora.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Para identificar os fatores associados ao bem estar rural segundo a percepção de agricultores familiares, à luz do conceito de Capital Social, foi adotada uma metodologia quantitativa, de caráter descritivo e em corte transversal. Para isso, optou-se pela coleta primária de dados, mediante a aplicação de um questionário estruturado e aplicado entre agricultores familiares por pesquisadores no mês de dezembro de 2015 (HAIR *et al.* 2005). Os agricultores familiares foram escolhidos de forma aleatória.

Tendo como base a literatura científica sobre elementos do Capital Social, este estudo propõe uma investigação exploratória sobre os fatores associados à percepção de melhoria do bem estar de agricultores familiares (como descrito na Figura 1), de duas regiões vizinhas, essencialmente agrícolas, com diferentes níveis de amadurecimento de Capital Social. As regiões analisadas também apresentam distintos níveis de desenvolvimento econômico e social (IBGE, 2006) e adesão a cooperativas e associações rurais (INCAPER, 2013).

Para representar o universo de agricultores familiares, foi definido como campo de estudo duas regiões agrícolas do estado do Espírito Santo: Venda Nova do Imigrante e a Região do Caparaó Capixaba. A escolha das duas localidades foi considerada a partir da adesão de produtores rurais em cooperativas e associações rurais - medido pelo percentual de agricultores pertencentes a associações e/ou cooperativas (INCAPER, 2013) e pelos índices de desenvolvimento sócio econômico - IDHM, PIB per capita e Renda per capita (IBGE, 2006), para que a percepção dos fatores associados à melhoria do bem estar de agricultores familiares se tornasse mais evidente entre as duas regiões.

De acordo com dados oficiais obtidos em 2016 junto ao Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (INCAPER), apresentados no Quadro 3, o município de Venda Nova do Imigrante conta com cerca de 1.000 agricultores de base familiar, sendo que 65% deles participam de associações ou cooperativas. A Região do Caparaó Capixaba possui cerca de 15.000 propriedades rurais de base familiar distribuídos em seus 11 municípios. Destas, 30% são ligadas a associações ou cooperativas.

	Número de propriedades	% de agricultores familiares envolvidos em associações e cooperativas
Região do Caparaó Capixaba	15.000	30%
Venda Nova do Imigrante	1.000	65%

Quadro 3: Propriedades rurais do Caparaó e Venda Nova e percentual de associações e cooperativas
Fonte: Incaper, 2013.

Apesar da proximidade, as duas regiões vizinhas apresentam índices de desenvolvimento econômico e sociais distintos. Entre os anos de 2008 e 2012, o município de Venda Nova do Imigrante apresentou em suas médias de IDHM: 0,67; PIB per capita: R\$ 9.361,75 e renda per capita: R\$ 625,34 e a Região do Caparaó Capixaba IDHM: 0,57; PIB per capita: R\$ 6.397,52 e renda per capita: R\$ 431,82. Os dados estão apresentados na Tabela 1.

O IDHM brasileiro considera as mesmas três dimensões do IDH Global – longevidade, educação e renda, mas vai além: adequa a metodologia global ao contexto brasileiro e à disponibilidade de indicadores nacionais. O PIB per capita é o produto interno bruto, dividido pela quantidade de habitantes de um país ou região (ATLAS, 2014). Renda per capita tem o mesmo significado de renda pessoal,

A Região do Caparaó Capixaba situa-se no sul do estado do Espírito Santo. Compõe-se por 11 municípios do entorno do Parque Nacional do Caparaó e abriga o

Pico da Bandeira, o ponto mais alto de toda a Região Sudeste do Brasil e com razoável acessibilidade. A região, essencialmente agrícola, possui grande potencial turístico. Dela fazem parte os municípios de Jerônimo Monteiro, Alegre, Guaçuí, São José do Calçado, Dolores do Rio Preto, Divino de São Lourenço, Ibitirama, Irupi, Lúna, Muniz Freire e Ibatiba. O café do tipo arábica é o principal cultivo agrícola da região. (ICMBio, 2015).

**TABELA 1 - ÍNDICES APURADOS ENTRE OS ANOS DE 2008 A 2012
IDHM, PIB PER CAPITA E RENDA PER CAPITA DOS MUNICÍPIOS.**

Venda Nova do Imigrante							
Variáveis	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Q1	Mediana	Q3	Máximo
População	18830	1645.76	16165	17437	19216	20023	21094
IDHM	0.67	0.03	0.65	0.65	0.65	0.65	0.73
PIB per capita	9.361,75	3.879,37	4.448,65	6.265,94	8.445,40	11.613,92	15.141,74
REND per capita	625,34	73,72	586,55	586,55	586,55	586,55	756,66
Região do Caparaó Capixaba							
Variáveis	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Q1	Mediana	Q3	Máximo
População	16317	8774.55	4471	10189	11144	25742	32814
IDHM	0.57	0.67	0.47	0.53	0.60	0.61	0.72
PIB per capita	6.397,52	2.683,736	2.868,54	4.318,84	5.748,32	8.252,63	16.315,97
REND per capita	431,82	79,51	199,21	397,96	426,17	481,28	655,72

Tabela 1 – Índices dos Municípios. Fonte: SEFAZ, ES (2015)

O município de Venda Nova do Imigrante também está situado ao sul do estado do Espírito Santo. Sua principal base econômica advém da cultura do café arábica, cultivado em cerca de 90% das propriedades rurais e das produções hortifrutigranjeira e pecuária leiteira. O município é referência em todo o país em

agroturismo, “modalidade de turismo rural que associa a vivência do cotidiano agrícola ao lazer, à visitação e à valorização do meio ambiente”. Venda Nova foi colonizado por imigrantes italianos e conserva traços fortes da sua cultura, principalmente o espírito comunitário e progressista (PMVNI, 2016).

O trabalho de pesquisa de campo foi executado por empresa especializada e os questionários foram aplicados por pesquisadores no local de trabalho dos agricultores, nas propriedades rurais. Com o objetivo de garantir que o respondente fizesse parte do público alvo da pesquisa, perguntas de controle foram inseridas no questionário, no qual o produtor devesse se definir como agricultor familiar, de Venda Nova do Imigrante ou da Região do Caparaó Capixaba. Na análise dos dados, foram utilizados os questionários cujas respostas fossem de agricultores familiares das duas localidades, ou seja, praticamente a totalidade deles, 417 dos 418 aplicados. Desta forma, as amostras puderam ser classificadas como aleatórias.

A primeira parte do questionário apresentou 54 perguntas relacionadas ao referencial teórico sobre Capital Social (variáveis explicativas ou independentes) e à melhoria do bem estar de agricultores (y). As variáveis explicativas utilizadas e extraídas da literatura do conceito de Capital Social foram Cooperação, Redes Sociais, Educação/Capacitação/Treinamento, Civismo/Religiosidade, Confiança Institucional, Capital Cultural, Confiança Governamental, Confiança Familiar, Infraestrutura, Localização, Tecnologia e Inovação e Capital Ambiental. Duas questões foram inseridas como variáveis de controle, referentes a Mulheres no Campo e Sucessão Familiar. As afirmações que compuseram o instrumento de pesquisa estão descritas no Quadro 4.

CONSTRUTOS / PERGUNTAS

Perguntas de controle	1. Você é um agricultor (a) familiar ?
	2. Onde sua propriedade se localiza?
	3. Qual é o tamanho da sua propriedade?
Bem estar	4. Nos últimos dez anos, eu venho aumentando a minha renda a partir das atividades da minha propriedade.
	5. Nos últimos dez anos, eu venho aumentando a produção na minha propriedade rural.
	6. Nos últimos dez anos, eu aumentei o endividamento financeiro da minha propriedade.
	7. Nos últimos dez anos, eu aumentei a área da minha propriedade, por meio de compra.
Redes sociais	8. Nos últimos dez anos, eu melhorei a minha mobilidade, comprei veículos de passeio, seja carro ou moto, apenas com o dinheiro que ganhei na minha propriedade.
	9. Eu mantenho uma alta relação de confiança com outros produtores rurais.
	10. Eu mantenho uma alta relação de confiança com meus parceiros de trabalho.
Cooperação	11. Eu mantenho uma alta relação de confiança com os meus vizinhos de propriedade.
	12. Eu mantenho uma forte relação de cooperação e a colaboração com outros produtores rurais.
	13. Eu adquiero insumos seja adubo, calcário, defensivo ou ração etc, com outros produtores rurais.
	14. Eu compro equipamentos em esquema de consórcio com outros produtores.
	15. Eu participo de colheita coletiva, tipo mutirão, na propriedade de outros produtores rurais.
Educação, Capacitação e Treinamento	16. Quando eu recebo informação, participo de algum curso ou treinamento, eu compartilho o conhecimento com outros produtores.
	17. Eu sempre participo de cursos, palestras e viagens técnicas para obter informações que ajudem no meu trabalho.
Civismo, Religiosidade, Patriotismo e Cidadania	18. Considero importante o nível de escolaridade dos meus filhos para a minha propriedade.
	19. Eu procuro sempre participar de associações, cooperativas e clubes desportivos.
	20. Eu procuro sempre participar de trabalhos voluntários em causas sociais e humanitárias.
	21. Eu procuro sempre participar de atividades religiosas, corais e celebrações.
	22. Eu procuro sempre participar de atividades que reforçam minhas tradições familiares.
	23. Eu procuro sempre participar de atividades que resgatam a história dos meus antepassados.
Confiança Institucional	24. Eu procuro sempre participar de festas comunitárias.
	25. Recebo todo o apoio que preciso de entidades não governamentais, como, por exemplo, sindicatos, cooperativas, Senar, Sebrae em assistência técnica.
	26. Recebo todo o apoio que preciso de entidades não governamentais, como, por exemplo, sindicatos, cooperativas, Senar, Sebrae, em crédito rural.

	27. Recebo todo o apoio que preciso de entidades não governamentais, como, por exemplo, sindicatos, cooperativas, Senar, Sebrae, em elaboração de projetos.
	28. Recebo todo o apoio que preciso de entidades não governamentais, como, por exemplo, sindicatos, cooperativas, Senar, Sebrae, em capacitação e treinamentos.
Capital Cultural, Lazer e Entretenimento	29. Tenho acesso em minha comunidade a programas culturais, de lazer e entretenimento.
Confiança Governamental	30. Recebo todo o apoio que preciso dos governos, seja ele federal, estadual ou municipal, em assistência técnica.
	31. Recebo todo o apoio que preciso dos governos, seja ele federal, estadual ou municipal, em crédito rural.
	32. Recebo todo o apoio que preciso dos governos, seja ele federal, estadual ou municipal, em elaboração de projetos.
	33. Recebo todo o apoio que preciso dos governos, seja ele federal, estadual ou municipal, em capacitação e treinamentos.
Confiança Familiar e Social	34. Recebo todo o apoio que preciso dos meus familiares.
	35. Recebo todo o apoio que preciso dos meus amigos e vizinhos.
Infraestrutura	36. Minha propriedade conta com boa infraestrutura, como estradas de boa qualidade.
	37. Minha propriedade conta com energia elétrica estável e de alta potência.
	38. Minha propriedade conta com internet de alta velocidade.
	39. Minha propriedade conta com telefonia celular de qualidade.
Localização, acessos a mercados compradores e Integração entre campo e cidade	40. A localização da minha propriedade facilita o escoamento da minha produção.
	41. Tenho sempre acesso a novos mercados compradores.
	42. Minha propriedade tem fácil acesso à sede do meu município.
Tecnologia e inovação	43. Utilizo soluções inovadoras no processo de gestão da minha propriedade.
	44. Utilizo soluções inovadoras no processo de produção em minha propriedade.
	45. Faço uso de tecnologia no processo de gestão da minha propriedade.
	46. Faço uso de tecnologia no processo de produção em minha propriedade.
Capital Ambiental (Recursos Naturais, Fatores Ambientais, Climáticos e Recursos Hídricos) e Sustentabilidade	47. Tenho práticas sustentáveis na minha propriedade.
	48. Minha propriedade é formada em sua maioria por terrenos irregulares que dificultam o plantio e a colheita.
	49. Minha propriedade possui uma grande porção da sua área com cobertura florestal.
	50. Minha propriedade é formada em sua maioria por terrenos de alta produtividade.
	51. Eu analiso questões climáticas como temperatura e níveis de chuva para escolher o tipo de cultivo na hora de fazer o plantio.
	52. A minha propriedade possui água em abundância.
	53. Eu disponho de toda a água que preciso na minha propriedade.
	54. Minha propriedade nunca passa por momentos de falta de água.
Mulheres no campo (variável de controle)	1. Considero muito importante o papel que a mulher desempenha na minha propriedade.
Sucessão familiar rural (variável de controle)	2. Considero muito importante que um jovem me suceda na propriedade.
	3. Eu tenho preparado os meus filhos para que eles dêem continuidade às atividades da propriedade.

Quadro 4 – Construtos / Perguntas. Elaborado pela autora.

Na segunda parte, nove questões objetivas identificavam o perfil do agricultor familiar entrevistado, (variáveis de controle), sendo todas fechadas (gênero, idade, grau de escolaridade, maior grau de escolaridade do morador, números de filhos ou dependentes, experiência na atividade rural horas semanais de dedicação à atividade, número de pessoas que trabalham na propriedade em tempo integral e número de pessoas que trabalham na propriedade em tempo parcial, mulheres no campo e sucessão familiar) descritas no Anexo.

Após a coleta dos dados, as informações foram validadas segundo as variáveis de controle. Não foi verificada a existência de viés amostral e a presença de *outliers*. Foram realizados dois pré-testes para validação dos questionários. Apenas um questionário foi excluído pelo fato de o entrevistado não ter se identificado como agricultor familiar. Foram validados 417 questionários, sendo 194 de agricultores familiares de Venda Nova do Imigrante e 223 na Região do Caparaó Capixaba. Foram realizadas análises sobre as estatísticas descritivas (média e desvio padrão) e testes de diferença de médias.

Na sequência das análises, foram estimados modelos de regressão linear. As variáveis explicativas utilizadas foram construídas a partir de elementos da teoria do Capital Social: Cooperação, Redes Sociais, Educação/Capacitação/Treinamento, Civismo/Religiosidade, Confiança Institucional, Capital Cultural, Confiança Governamental, Confiança Familiar, Infraestrutura, Localização, Tecnologia e Inovação e Capital Ambiental. A seguir, o modelo de regressão utilizado:

Modelo: Percepção da melhoria do bem estar rural = $\beta_0 + \sum_{i=1}^{12} \beta_i X_i + \text{Controles} + E_1$, em que:

X_1 = Cooperação;

X_2 = Redes Sociais;

X_3 = Educação/Capacitação/Treinamento;

X_4 = Civismo/Religiosidade;

X_5 = Confiança Institucional;

X_6 = Capital Cultural;

X_7 = Confiança Governamental;

X_8 = Confiança Familiar;

X_9 = Infraestrutura;

X_{10} = Localização;

X_{11} = Tecnologia e Inovação;

X_{12} = Capital Ambiental;

DCaparaó = 1 se Caparaó Capixaba (CAP); DVNI = 0 se Venda Nova do Imigrante (VNI);

Controles: gênero, idade, grau de escolaridade, maior grau de escolaridade do morador, números de filhos ou dependentes, experiência na atividade rural horas semanais de dedicação à atividade, número de pessoas que trabalham na propriedade em tempo integral, número de pessoas que trabalham na propriedade em tempo parcial, mulheres no campo e sucessão familiar.

E_1 = Termo de erro.

Para controle de elementos de Capital Social, foram inseridas na regressão *dummies de gênero*, idade, grau de escolaridade, maior grau de escolaridade do morador, números de filhos ou dependentes, experiência na atividade rural horas semanais de dedicação à atividade, número de pessoas que trabalham na propriedade em tempo integral e número de pessoas que trabalham na propriedade em tempo parcial, mulheres no campo e sucessão familiar. Testes de interações foram realizados em cada grupo, condicionados pelas características de perfil, com o objetivo de verificar se as variáveis se comportavam diferentemente em cada perfil de grupo (HAIR et al., 2005). O objetivo foi analisar como cada variável impactava a percepção do agricultor familiar, em cada núcleo de produtores.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta fase do trabalho são apresentadas as análises sobre os dados coletados para alcançar os objetivos propostos. As amostras foram caracterizadas segundo as regiões em estudo: o município de Venda Nova do Imigrante e a Região do Caparaó Capixaba. A seguir, foi apresentada a estatística descritiva de cada localidade, comparando as médias de cada variável. Ao final, foram realizadas análises sobre as regressões multivariadas, acompanhadas por estudo de interação em cada grupo amostral, organizado segundo características de gênero, idade, grau de escolaridade, maior grau de escolaridade do morador, números de filhos ou dependentes, experiência na atividade rural, horas semanais de dedicação à atividade, número de pessoas que trabalham na propriedade em tempo integral e número de pessoas que trabalham na propriedade em tempo parcial, mulheres no campo e sucessão familiar.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Neste estudo foram utilizadas amostras de agricultores familiares do município de Venda Nova do imigrante e da Região do Caparaó Capixaba. A distribuição da amostra está descrita na Tabela 2.

Os resultados revelam amostras com perfis similares. No que se refere ao gênero, tanto a amostra de 101 respondentes de Venda Nova do Imigrante (52,06%) quanto a de 118 produtores rurais da Região do Caparaó Capixaba (52,91%) foram caracterizadas, em uma pequena maioria (cerca de 5%), por pessoas do sexo feminino.

A idade dos agricultores familiares respondentes nas duas amostras também apresentaram características análogas. Em Venda Nova do Imigrante, 64

agricultores (32,99%) com idade entre 35 e 45 anos, enquanto na Região do Caparaó Capixaba, 82 deles (36,77%) afirmaram estar na mesma faixa etária. No entanto, a maior concentração dos entrevistados esteve na faixa acima dos 50 anos de idade, sendo 80 produtores (41,24%) em Venda Nova do Imigrante e 93 produtores (41,70%) na Região do Caparaó Capixaba.

Foi observado baixo nível de escolaridade dos proprietários rurais. A maioria deles nas duas amostras afirmou não ter concluído o Ensino Fundamental (antigo 1º grau), sendo 98 respondentes de Venda Nova do Imigrante (50,52%) e 115 produtores rurais (51,57%) da Região do Caparaó Capixaba.

Sobre a escolaridade do morador da propriedade rural com melhor formação, as duas amostras apresentaram nova equivalência, também apontando baixa escolaridade. Em Venda Nova do Imigrante, 39 produtores (20,10%) afirmaram que o morador da propriedade com a melhor formação escolar não concluiu o Ensino Médio (antigo 2º grau) e que 43 agricultores (22,16%) concluíram o curso. Na Região do Caparaó Capixaba, 52 produtores (23,32%) não concluíram o Ensino Médio e que 65 (29,15%) terminaram o curso.

Percebeu-se baixa taxa de natalidade em ambas as amostras. O maior percentual entre os agricultores familiares de Venda Nova do Imigrante (38,66%) e no Caparaó Capixaba (33,64%), responderam ter dois filhos ou dependentes.

Sobre a experiência na atividade rural, a grande maioria dos respondentes da Região do Caparaó Capixaba, 198 produtores (88,79%), afirmou possuir mais de 20 anos de trabalho. Em Venda Nova do Imigrante, o número apurado de agricultores que afirmaram ter mais de 20 de experiência na propriedade foi de 122 pessoas, ou seja, 62,87% da amostra.

TABELA 2: CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA DOS MUNICÍPIOS (VENDA NOVA DO IMIGRANTE E REGIÃO DO CAPARAÓ CAPIXABA)

VENDA NOVA DO IMIGRANTE			REGIÃO DO CAPARAÓ CAPIXABA	
GÊNERO	Nº	%	Nº	%
Masculino	93	47,94%	105	47,09%
Feminino	101	52,06%	118	52,91%
IDADE				
Menos de 18 anos de idade	2	1,03%	5	2,24%
Entre 18 e 25 anos de idade	11	5,67%	15	6,73%
Entre 25 e 35 anos de idade	37	19,07%	28	12,56%
Entre 35 e 45 anos de idade	64	32,99%	82	36,77%
Acima de 50 anos de idade	80	41,24%	93	41,70%
ESCOLARIDADE DO PROPRIETÁRIO RURAL				
Analfabeto	9	4,64%	14	6,28%
1º grau incompleto	98	50,52%	115	51,57%
1º grau completo	37	19,07%	53	23,77%
2º grau incompleto	22	11,34%	22	9,86%
2º grau completo	21	10,82%	17	7,62%
Superior incompleto	3	1,55%	2	0,90%
Superior completo	4	2,06%		
ESCOLARIDADE DO MORADOR DA PROPRIEDADE RURAL COM MAIOR NÍVEL DE ESCOLARIDADE				
Analfabeto				
1º grau incompleto	33	17,01%	26	11,66%
1º grau completo	22	11,34%	21	9,42%
2º grau incompleto	39	20,10%	52	23,32%
2º grau completo	43	22,16%	65	29,15%
Superior incompleto	25	12,89%	20	8,96%
Superior completo	29	14,95%	38	17,04%
Pós graduado	3	1,55%	1	0,45%
NÚMERO DE FILHOS/DEPENDENTES				
1	47	24,23%	30	13,45%
2	75	38,66%	75	33,64%
3	41	21,13%	62	27,80%
4	26	13,40%	31	13,90%
5	1	0,52%	20	8,97%
6	2	1,02%	1	0,45%
7	1	0,52%	2	0,89%
8	1	0,52%	1	0,45%
9				
10			1	0,45%

EXPERIÊNCIA NA ATIVIDADE RURAL					
Menos de 1 ano					
Entre 1 e 5 anos	31	15,99%	6	2,69%	
Entre 5 e 10 anos	10	5,15%	6	2,69%	
Entre 10 e 15 anos	31	15,99%	13	5,83%	
Mais de 20 anos	122	62,87%	198	88,79%	
HORAS SEMANAIS DEDICADAS À PROPRIEDADE					
Abaixo de 1 hora/dia					
Entre 1 e 5 horas/dia	33	17,01%	30	13,45%	
Entre 5 e 10 horas/dia	146	75,26%	176	78,93%	
Acima de 10 horas/dia	15	7,73%	16	7,17%	
COLABORADORES QUE SE DEDICAM À PROPRIEDADE EM TEMPO INTEGRAL (8 horas diárias ou mais, familiares como esposa e filhos, agregados e funcionários, todos registrados ou não)					
Não há colaboradores	7	3,61%	1	0,45%	
Entre 1 e 5 colaboradores	157	80,93%	188	84,30%	
Entre 6 e 15 colaboradores	21	10,82%	32	14,35%	
Entre 16 e 20 colaboradores	8	4,12%	1	0,45%	
Mais de 20 colaboradores	1	0,52%	1	0,45%	
COLABORADORES QUE SE DEDICAM À PROPRIEDADE EM TEMPO PARCIAL (menos de 8 horas diárias e/ou eventuais, familiares como esposa e filhos, agregados e funcionários, todos registrados ou não)					
Não há colaboradores	10	5,15%	61	27,35%	
Entre 1 e 5 colaboradores	169	87,11%	138	61,88%	
Entre 6 e 15 colaboradores	12	6,19%	22	9,87%	
Entre 16 e 20 colaboradores	3	1,55%	1	0,45%	
Mais de 20 colaboradores			1	0,45%	
Número de Observações		194			223
Número Total de Observações					417

Tabela 2 - Fonte: dados coletados da pesquisa. Elaborado pela autora, com adaptações de Costa, 2013

Quanto ao tempo dedicado à propriedade rural, a grande maioria dos entrevistados de Venda Nova do Imigrante, 146 pessoas, (75,26%) e da Região do Caparaó Capixaba, 176 pessoas (78,93%), afirmaram dedicar entre 5 e 10 horas de trabalho diariamente.

Nova similaridade foi identificada no perfil das amostras das duas regiões pesquisadas sobre o número de colaboradores que se dedicam à propriedade em tempo integral. Em Venda Nova do Imigrante, 157 agricultores (80,93%) afirmaram que contam com 1 a 5 colaboradores, enquanto na Região do Caparaó Capixaba, 188 pessoas, (84,30%) fizeram a mesma afirmação.

Sobre o número de colaboradores que se dedicam à propriedade em tempo parcial, observou-se certa diferença entre as duas regiões. Em Venda Nova, 169 pessoas, (87,11%) afirmaram que contam com 1 a 5 colaboradores, enquanto no Caparaó Capixaba, 138 pessoas, (61,88%) afirmaram o mesmo. No entanto, em Venda Nova do Imigrante o percentual declarado de ausência de colaboradores foi de apenas 5,15%. Na Região do Caparaó Capixaba, o número de respondentes que declararam não contar com colaboradores na propriedade chegou a 27,35%.

4.2 ESTATÍSTICA DESCRITIVA

A estatística descritiva de cada variável é apresentada com objetivo de verificar como os dados se comportam em termos de posição e dispersão, proporcionando a verificação das congruências e diferenças entre as regiões analisadas (HAIR et al., 2005)., Venda Nova do Imigrante e Região do Caparaó Capixaba. O teste t de diferença de médias foi utilizado para comparar as médias

de cada variável com base nas respectivas amostras. Os resultados estão apresentados na Tabela 3.

Os resultados demonstraram que a média da variável Capital Ambiental é maior em Venda Nova do Imigrante, com significância de 10%, bem como a variável Tecnologia e Inovação, com significância de 5%. Tais resultados podem estar sendo justificados pelo maior nível de escolaridade dos proprietários rurais de Venda Nova, que apresentou significância de 10%.

As variáveis Infraestrutura e Localização são maiores em Venda Nova do Imigrante, com significância de 1%. A percepção destes produtores de Venda Nova é que eles têm acesso a melhor infraestrutura, como estradas de boa qualidade, energia elétrica estável e de alta potência, internet de alta velocidade e telefonia celular de qualidade em relação aos do Caparaó Capixaba.

Agricultores de Venda Nova tiveram maior percepção de que a Localização da propriedade facilita o escoamento da produção, proporciona o acesso a novos mercados e à sede do município se comparados aos produtores do Caparaó Capixaba, o que corrobora com o estudo de Stathopoulou *et al.* (2004), nele, os autores ratificam a importância da Localização como fator relevante no desempenho econômico de agricultores, por viabilizar o acesso a principais mercados, clientes, fornecedores, fontes de informação e instituições, afetar nos custos de transporte de entradas e saídas e sobre a divulgação e as informações, por exemplo. (STATHOPOULOU *et al.* 2004).

Os resultados obtidos das variáveis Infraestrutura e Localização se alinham aos melhores índices de desempenho social e econômico (IDHM, renda

per capita e PIB per capita) de Venda Nova em relação ao Caparaó Capixaba, apresentados na Tabela 1. Pelos resultados apresentados na Tabela 3, a percepção de agricultores da Região do Caparaó Capixaba é maior que os de Venda Nova no que tange à Cooperação, Capital Cultural e Civismo, a 5%, 5% e a 1% de significância, respectivamente.

Uma possível explicação é que produtores de Venda Nova tenham sido fortemente influenciados pela cultura italiana, conhecida por valorizar fortes laços de cooperação; exemplo disso são os grandes eventos comunitários realizados no município. É provável que, para o agricultor vendanovense, aspectos ligados à Cooperação e ao Civismo – dois dos pilares do Capital Social (PUTNAM, 1997), façam parte do seu cotidiano, e se encontrem em um estágio de maturidade no que se referem a esses dois elementos. Tal percepção dos agricultores de Venda Nova corrobora com o trabalho de Tregear e Cooper (2016). Nele, as autoras sugerem que Capital Social seja estudado de forma ampla, com um olhar crítico e distinto apenas do conceito de relações comunitárias harmoniosas e com base em competências em um nível mais interpessoal (TREGEAR; COOPER, 2016).

Outra justificativa que pode ser considerada para este resultado, vem da continuação das pesquisas de Putnam (1995, 2000). Em uma análise da sociedade americana, o autor argumenta que jovens que viveram em condições econômicas prósperas a partir da década de 1960 são menos propensos a se envolver na vida da comunidade e da política, e também é menos provável que confiem em seus companheiros (STOLLE; HOOGHE 2005). As novas gerações seriam formadas por pessoas mais individualistas, e, portanto, o estoque de Capital Social sofreria lento declínio (PUTNAM, 2000; STOLLE; HOOGHE, 2005).

TABELA 3: ESTATÍSTICA DESCRITIVA

Variáveis	<u>Venda Nova</u>		<u>Caparaó Capixaba</u>		<u>Dif. de Médias</u>	
	194 observações		223 observações		VNI-CAP	P(T > t)
	Desvio		Desvio			
	Média	Padrão	Média	Padrão		
Bem Estar	2,95	0,08	3,12	0,07	-0,16	0,14
Redes Sociais	4,32	0,09	4,49	0,07	-0,16	0,16
Cooperação	2,62	0,06	2,79	0,05	-0,17**	0,03
Educação	3,41	0,08	3,55	0,08	-0,14	0,23
Civismo	3,63	0,06	4	0,06	-0,37***	0
Confiança Institucional	2,08	0,94	2,27	0,1	-0,18	0,18
Capital Cultural	1,94	0,1	2,33	0,11	-0,39**	0,01
Confiança Governamental	1,7	0,07	1,87	0,08	-0,17	0,13
Confiança Familiar	4,71	0,04	4,76	0,39	-0,04	0,43
Infraestrutura	4,24	0,04	4,07	0,04	0,16***	0
Localização	4,34	0,05	3,75	0,07	0,59***	0
Tecnologia e Inovação	3,53	0,09	3,23	0,02	0,29**	0,03
Capital Ambiental	4,32	0,03	4,23	0,03	0,09*	0,06
Mulheres no Campo	4,68	0,07	4,64	0,06	0,03	0,68
Sucessão Familiar	3,82	0,11	3,96	0,09	-0,13	0,34
Gênero	0,52	0,03	0,52	0,03	0	0,86
Idade	4,07	0,06	4,08	0,06	-0,01	0,89
Escol. Proprietário	2,86	0,09	2,63	0,07	0,22*	0,05
Morador Maior Escol.	4,53	0,12	4,67	0,1	-0,13	0,38
Número de Filhos	2,35	0,84	2,81	0,09	-0,46***	0
Tempo Atividade	4,25	0,08	4,8	0,4	-0,54***	0
Horas Trab Semana	2,9	0,03	2,92	0,03	-0,02	0,65
Colaborador T. Integr	2,17	0,04	2,16	0,02	0	0,85
Colaborador T. Parcial	2,04	0,02	1,84	0,04	0,19***	0

Dados coletados para a pesquisa aplicada. Elaborado pela autora. *, ** e *** representam coeficientes significativos a 10%, 5% 1%, respectivamente.

Similarmente ao cenário atual de Venda Nova, agricultores inseridos em movimentos associativistas podem estar à procura de novas experiências fora de um ambiente (natal) de “Civismo” e “Cooperação”. As primeiras gerações vieram de um processo cultural que valoriza a cooperação; o que pode explicar que Venda Nova

passa por um processo de substituição de gerações, onde se verifica perda de traços culturais (PUTMAN, 2000).

Na próxima seção serão apresentadas análises multivariadas dos dados, com o objetivo de verificar o grau de associação entre a média da percepção da melhoria do bem estar de agricultores familiares da Região do Caparaó Capixaba e do município de Venda Nova do Imigrante.

4.3 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este estudo propôs uma investigação entre agricultores de base familiar em duas regiões vizinhas, essencialmente agrícolas, localizados no Estado do Espírito Santo, com distintos com diferentes níveis de amadurecimento de Capital Social. As regiões analisadas também apresentam distintos níveis de desenvolvimento econômico e social (IBGE, 2006) e adesão a cooperativas e associações rurais (INCAPER, 2013). Foram entrevistados pessoalmente 417 agricultores familiares em suas propriedades rurais. O método de avaliação utilizado foi o de regressões múltiplas.

O objetivo deste estudo foi identificar fatores associados à percepção de bem estar de agricultores familiares e compará-los entre as duas regiões pesquisadas. O desenho de pesquisa foi definido por um construto de 12 variáveis, extraídas da literatura de Capital Social.

Os resultados da estimação do Modelo, com e sem controle, estão descritos na Tabela 4, considerando-se na parte superior da tabela o efeito comum entre os agricultores familiares de Venda Nova do Imigrante e da Região do Caparaó Capixaba, na segunda, a diferenciação entre Venda Nova e o Caparaó Capixaba e na terceira, as variáveis de controle da regressão.

Evidencia-se que a 99% de confiança, apenas a variável Educação/Capacitação/Treinamento foi significativa nas amostras de agricultores familiares das duas regiões pesquisadas. Esse efeito não se mostrou estatisticamente diferente nas duas regiões. Neste contexto, é possível afirmar que tanto os produtores respondentes de Venda Nova do Imigrante, quanto os da Região do Caparaó Capixaba perceberam que a variável Educação/Capacitação/Treinamento tem efeito positivo na melhoria do bem estar rural.

A constatação de que a variável Educação/Capacitação/Treinamento obteve significância na amostra das duas regiões pode demonstrar que os agricultores familiares respondentes têm percebido o quanto o acesso ao uso de tecnologias e modernas práticas de gestão podem influenciar positivamente na melhoria do bem estar familiar (STATHOPOULOU *et al.* 2004), diante das características desafiadoras de crescimento das zonas rurais (TREGGAR; COOPER, 2016).

A 95% de confiança, Capital Cultural, Tecnologia e Inovação e Sucessão Familiar foram as variáveis que se mostraram significativas para explicar a percepção dos produtores nas regiões pesquisadas; e com 90% de confiança a variável Localização. Verificou-se que essas variáveis impactaram positivamente na percepção dos produtores, ou seja, quanto maior forem os valores atribuídos às variáveis Capital Cultural, Tecnologia e Inovação e Localização, maior será a percepção dos agricultores que essas variáveis impactem na melhoria do bem estar familiar.

A variável Capital Cultural impactou positivamente a percepção da melhoria do bem estar de agricultores familiares de Venda Nova do Imigrante. Tal resultado pode estar alinhado aos estudos de Agarwal (2010), que sugere o Capital Cultural

como uma dimensão explicativa de desempenho econômico rural e que o crescimento agrícola precisa de investimento substancial tanto em infraestrutura rural, quanto em investigação de culturas (AGARWAL, 2010).

O município de Venda Nova possui forte influência dos seus colonizadores europeus e mantém uma agenda fixa de eventos culturais tradicionais, típicos da cultura italiana, que envolve a comunidade e movimenta o turismo o ano inteiro. A movimentação em torno destes eventos garante dividendos ao comércio, agroindústrias locais e impacta a economia do município, diretamente ligada ao agroturismo. Do contrário, o efeito da variável Capital Cultural impactou inversamente a percepção da melhoria do bem estar dos proprietários rurais da Região do Caparaó Capixaba.

Se em Venda Nova a forte influência da cultura italiana se reflete em ganhos para a economia local, pela realização, por exemplo, de tradicionais festas, eventos e festivais (PMVNI, 2016), no Caparaó, supõe-se que, devido à miscigenação dos colonizadores da região, não tenha ocorrido o mesmo, ou seja, a presença de uma agenda cultural tradicional que movimente a economia regional.

Observando-se que a variável Tecnologia e Inovação obteve significância na amostra das duas regiões sobre a percepção dos produtores de que há impacto positivo na melhoria do bem estar familiar, este resultado corrobora com o estudo de Umans e Arce (2014). Eles afirmam que a difusão da inovação é um dos aspectos que pode impactar positivamente o desempenho de agricultores familiares e que já existem relações obrigatórias, afetadas pelas transferências de capital e tecnologia (UMANS; ARCE, 2014).

TABELA 4: RESULTADOS DA REGRESSÃO COM DIFERENCIAÇÃO ENTRE AS AMOSTRAS DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE E REGIÃO DO CAPARAÓ CAPIXABA.

Qualidade Financeira	Sem controle		Com controle	
	Coeficiente	P> t	Coeficiente	P> t
Cooperação	0,00	0,97	0,00	0,97
Redes Sociais	0,08	0,28	0,91	0,25
Educação/Capacitação/Treinamento	0,22	0,00	0,18	0,00
Civismo/Religiosidade	0,11	0,20	0,11	0,21
Confiança Institucional	0,55	0,44	0,02	0,73
Capital Cultural	0,13	0,01	0,13	0,01
Confiança Governamental	-0,02	0,82	0,00	0,97
Confiança Familiar	0,02	0,89	0,00	0,95
Infraestrutura	0,16	0,21	0,10	0,41
Localização	0,21	0,04	0,21	0,05
Tecnologia e Inovação	0,14	0,01	0,12	0,04
Capital Ambiental	-0,51	0,73	-0,39	0,79
Mulheres no Campo	-0,80	0,46	-0,11	0,29
Sucessão Familiar	-0,10	0,04	-0,10	0,04
INTCooperação	0,04	0,78	0,01	0,90
INTRedes Sociais	0,00	0,99	-0,04	0,69
INTEducação/Capacitação/Treinamento	-0,11	0,23	-0,067	0,48
INTCivismo/ Religiosidade	-0,31	0,79	-0,38	0,75
INTConfiança Institucional	-0,77	0,39	-0,01	0,83
INTCapital Cultural	-0,18	0,00	-0,19	0,00
INTConfiança Governamental	0,21	0,04	0,13	0,16
INTConfiança Familiar	0,14	0,45	0,17	0,38
INTInfraestrutura	-0,14	0,35	-0,88	0,58
INTLocalização	-0,14	0,28	-0,17	0,20
INTTecnologia e Inovação	0,31	0,70	0,02	0,74
INTCapital Ambiental	-0,04	0,82	-0,08	0,63
INTMulheres no Campo	0,14	0,26	0,17	0,17
INTSucessão Familiar	0,16	0,02	0,16	0,02
Gênero			-0,14	0,18
Idade			0,01	0,84
Escolaridade do Proprietário			0,06	0,19
Morador com Maior Escolaridade			0,48	0,19
Número de Filhos			-0,46	0,22
Tempo na Atividade Rural			0,22	0,72
Horas de Trabalho por Semana			0,19	0,86
Colaboradores em Tempo Integral			-0,80	0,54
Colaboradores em Tempo Parcial			0,20	0,09
Número de Observações				417

Fonte: Dados coletados para a pesquisa aplicada. Elaborado pela autora

A variável Sucessão Familiar foi estatisticamente significativa, nas duas regiões, para explicar a percepção dos produtores na melhoria do bem estar familiar. Para agricultores da Região do Caparaó Capixaba, o impacto foi positivo. Do contrário, a amostra de Venda Nova do Imigrante apresentou coeficiente inverso para a Sucessão Familiar, o que sugere que esses produtores consideram que Sucessão Familiar tem significado um entrave na melhoria do bem estar.

Inwood e Sharp (2012) afirmam que poucos estudos têm analisado diretamente fatores familiares, particularmente Sucessão Rural, mas pode-se atribuir inicialmente a divergência percebida entre os resultados da amostra das duas regiões na variável Sucessão Familiar a dois fatores.

Políticas públicas com foco no incentivo ao cultivo de café de qualidade superior (Suporte Governamental) foram implantadas na região do Caparaó no início do ano 2000 (INCAPER, 2013). Estas ações contribuíram para aumentar a competitividade do produto no mercado. No final do ano de 2015, quando a coleta de dados foi realizada, o processo de implantação de incentivo ao cultivo de café de qualidade passava por um estágio de maturidade.

Se por um lado a crise política e econômica que atinge o Brasil tem causado alta taxa de desemprego dos municípios (MARTUSCELLI, 2013) e por outro há a necessidade de manter mais pessoas envolvidas no trabalho na propriedade (INWOOD; SHARP, 2012), a permanência de jovens nas propriedades familiares garante-lhes emprego e renda e pode estar proporcionando a sensação de segurança aos núcleos familiares da Região do Caparaó.

De modo contrário, a amostra de Venda Nova do Imigrante apresentou coeficiente negativo para a variável Sucessão Familiar. Políticas públicas de estímulo ao cultivo de café de qualidade superior foram implantadas no município de Venda Nova do Imigrante no início dos anos 90 (INCAPER, 2013). É provável que a geração de agricultores esteja passando por um processo de substituição de gerações, que poderia “ser responsável para o declínio da coesão social e familiar” (PUTNAM, 2000; STOLLE; HOOGHE, 2005).

Apesar de vários estudos encontrarem no conceito de Capital Social evidências sobre desenvolvimento econômico regional, PUTNAM *et al.* (1993); PUTNAM (1995, 2000); SVENDSEN; SORENSEN (2006); (WIESINGER, 2007); SORENSEN (2012); TREGGAR; COOPER (2016), seus resultados, de fato, não são unânimes.

O estudo de Svendsen e Sorensen (2006) mostrou a complexidade de se mensurar estatisticamente a influência de um capital intangível como o social. Treggear e Cooper (2016) alertam para que, no meio rural, a importância do engajamento de produtores rurais em ações coletivas, como grupos comunitários, associações ou redes no desenvolvimento regional não recebam interpretação restrita.

Outro trabalho, de Sorensen (2012), testou a tese de Putnam (1997), de que engajamento cívico promove uma estrutura cooperativa e generalizada e que isto leva a acumulação de Capital Social, sob a forma de redes inclusivas, de cooperação que são economicamente produtivas e encontrou uma resposta negativa, portanto, o trabalho de Sorensen (2012) não forneceu nenhuma evidência de que maior densidade de associação está positivamente relacionada com os níveis mais elevados de desempenho econômico.

Wiesinger (2007) alerta que era da globalização ou pós-modernidade, com a influência da televisão, comunicação de massa e internet produziram nas áreas rurais um tipo de vizinhança virtual. Sua pesquisa não confirmou que engajamento cívico, um dos pilares dos estudos de Putnam (1995, 1997) favoreçam o desenvolvimento regional, porque as pessoas têm menos tempo para participar voluntariamente de associações locais (WIESINGER, 2007).

5 CONCLUSÃO

Diante da relevância da agricultura familiar brasileira e pelos desafios enfrentados por produtores rurais, este estudo se propôs em identificar, à luz do conceito de Capital Social, fatores que influenciam a percepção de bem estar de agricultores familiares e compará-los entre duas regiões agrícolas vizinhas, com diferentes níveis de amadurecimento de Capital Social.

As duas regiões analisadas possuem características geográficas similares, apresentam distintos níveis de desenvolvimento econômico e social (IBGE, 2006) e adesão a cooperativas e associações rurais (INCAPER, 2013). Pela amplitude dos conceitos de Capital Social e Bem Estar Rural, coube ao próprio pesquisador identificar variáveis que atenderam aos objetivos da pesquisa.

Se por um lado a agricultura tem relevante importância na economia do Brasil, responsável por vigorosos índices na pauta de exportações, por outro, produtores rurais enfrentam constantes desafios para o seu crescimento, como, por exemplo, distância física para acessar mercados, baixa massa crítica, restrição a crédito, grandes jornadas de trabalho, sazonalidade, variação climática, legislação ambiental.

A literatura científica demonstra que Capital Social é um conceito que tem se mostrado eficiente na mensuração de bem estar rural, mas devem ser considerados os diferentes níveis de maturidade de Capital Social em que as comunidades se encontram.

A pesquisa demonstrou que as variáveis Educação/Capacitação/Treinamento, Tecnologia e Inovação, Capital Cultural, Localização e Sucessão Familiar foram percebidas pelos agricultores familiares de ambas as regiões analisadas como

influenciadores de bem estar rural, o que sugere que produtores rurais percebem que a Educação impulsiona seu crescimento econômico e social. Particularmente, Capital Cultural e Sucessão foram percebidas de maneira distinta nas duas regiões analisadas.

O Capital Cultural percebido como influenciador de bem estar pelos agricultores familiares de Venda Nova do Imigrante (município com alto nível de amadurecimento de Capital Social) pode estar ligado à dinâmica agenda anual de eventos tradicionais do município, referência de agroturismo no Brasil. Na Região do Caparaó Capixaba (região com baixo nível de amadurecimento de Capital Social), a ausência de tal agenda pode ter colaborado pela avaliação dos produtores, que perceberam o Capital Cultural como fator que impacta inversamente no bem estar.

Sucessão Familiar se configura um dilema na agricultura familiar e também foi associada como uma variável percebida de maneira distinta pelos produtores rurais como influenciadora no bem estar. Positiva na Região do Caparaó Capixaba e inversa em Venda Nova do Imigrante.

Mesmo se considerarmos a distinção entre os cenários das duas regiões pesquisadas, como o nível de desenvolvimento da atividade agrícola, este resultado pode demonstrar o atual dilema do agricultor familiar: preparar os filhos para a sucessão ou incentivá-los a buscar novas atividades, em detrimento da propriedade rural.

Portanto, esta investigação apresenta algumas evidências: se considerarmos a similaridade das duas regiões agrícolas vizinhas e a distinção dos níveis de amadurecimento de Capital Social, as variáveis ligadas aos processos de produção, e ao Capital Econômico, (Educação/Capacitação/Treinamento, Tecnologia e Inovação e Localização) apresentaram convergência nos resultados; nos fatores

ligados ao Capital Humano, os resultados foram distintos. Capital Cultural e Sucessão Familiar apresentaram divergências entre as duas regiões. Em resumo: comunidades de agricultores familiares com nível mais baixo de amadurecimento de Capital Social consideram como entrave ao bem estar rural o Capital Cultural. Comunidades com nível mais alto de amadurecimento de Capital Social percebem como entrave a Sucessão Familiar.

Os resultados sugerem que os desafios que comunidades rurais com nível mais baixo de amadurecimento de Capital Social enfrentam estão ligados ao acesso a uma agenda cultural dinâmica, que movimenta a economia local. Comunidades com nível mais alto de amadurecimento de Capital Social carecem de transferência de conhecimento para gerações mais jovens.

O campo é vasto para novas pesquisas. A compreensão de como o nível de amadurecimento do Capital Social nas comunidades impacta no bem estar rural, pode contribuir na formulação de políticas públicas sociais para promover melhor qualidade de vida de agricultores familiares e colaborar, por exemplo, para a promoção de uma agenda cultural que estimule a economia em regiões rurais; da inserção de mulheres e jovens no campo e da redução do dilema da sucessão familiar nas propriedades rurais, em tempos onde o acesso à internet e a novas tecnologias estão impactando diretamente os processos de produção. (UMANS; ARCE, 2014; LOWDER *et al.* 2014; STATHOPOULOU *et al.* 2004).

REFERÊNCIAS

- ADLER, P. S.; KWON, S.-W. Social Capital: Prospects for a New Concept. **Academy of Management Review**, v. 27, n. 1, 2002. p. 17-40.
- AGARWAL, Bina. Rethinking agricultural production collectivities. **Economic and Political Weekly**, p. 64-78, 2010.
- AGARWAL, Sheela; RAHMAN, Sanzidur; ERRINGTON, Andrew. Measuring the determinants of relative economic performance of rural areas. **Journal of Rural Studies**, v. 25, n. 3, p. 309-321, 2009.
- BATES, Winton. Gross national happiness. **Asian-Pacific Economic Literature**, v. 23, n. 2, p. 1-16, 2009.
- BESSER, Terry L. Changes in small town social capital and civic engagement. **Journal of Rural Studies**, v. 25, n. 2, p. 185-193, 2009.
- BESSER, Terry L.; RECKER, Nicholas; AGNITSCH, Kerry. The Impact of Economic Shocks on Quality of Life and Social Capital in Small Towns*. **Rural Sociology**, v. 73, n. 4, p. 580-604, 2008.
- BEUGELSDIJK, Sjoerd. A multilevel approach to social capital. **International studies of management & organization**, v. 39, n. 2, p. 65-89, 2009.
- BOIX, Carles; POSNER, Daniel N. Social capital: Explaining its origins and effects on government performance. **British journal of political science**, v. 28, n. 04, p. 686-693, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. The forms of capital. **Cultural theory: An anthology**, p. 81-93, 1986.
- BRASIL, Atlas. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil 2013. **Acesso em 01/10/2015**, v. 16, 2014.
- COLEMAN, J. S. Foundations of social theory. The Belknap Press of Harvard University Press. **Cambridge and London**, 1990.
- CONTERATO, Marcelo Antonio; SCHNEIDER, Sergio; WAQUIL, Paulo Dabdab. Desigualdades regionais de desenvolvimento rural do Rio Grande do Sul: uma proposta de análise multidimensional a partir de três microrregiões. **Ensaio FEE**, v. 30, 2009.
- COSTA, 2013. Dissertação de Mestrado: A RELAÇÃO ENTRE CAPITAL SOCIAL E DESEMPENHO PERCEBIDO EM MICRO E PEQUENAS EMPRESAS, Thiago Costa, 2013, Fucape, Vitória.

COURTNEY, Paul; MOSELEY, Malcom. Determinants of local economic performance: experience from rural England. **Local Economy**, v. 23, n. 4, p. 305-318, 2008.

COVIN, Jeffrey G.; SLEVIN, Dennis P. Strategic management of small firms in hostile and benign environments. **Strategic management journal**, v. 10, n. 1, p. 75-87, 1989.

CROWE, Jessica A. Community Economic Development Strategies in Rural Washington: Toward a Synthesis of Natural and Social Capital*. **Rural Sociology**, v. 71, n. 4, p. 573-596, 2006.

DANES, Sharon M. *et al.* The effects of ethnicity, families and culture on entrepreneurial experience: An extension of sustainable family business theory. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, v. 13, n. 03, p. 229-268, 2008.

DELLER, S. C., TSAI, H. S., MARCOUILLER, D. W. ENGLISH, D. B. The role of amenities and quality of life in rural economic growth. **American Journal of Agricultural Economics**, v. 83, n. 2, p. 352-365, 2001.

DESENVOLVIMENTO RURAL: UMA ANÁLISE DE INDICADORES POPULACIONAIS, SOCIAIS, ECONÔMICOS E AMBIENTAIS, Claudiana Araujo. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS da Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, 2014

FAFCHAMPS, Marcel; MINTEN, Bart. Relationships and traders in Madagascar. **The Journal of Development Studies**, v. 35, n. 6, p. 1-35, 1999.

FAFCHAMPS, Marcel; MINTEN, Bart. Social capital and agricultural trade. **American Journal of Agricultural Economics**, v. 83, n. 3, p. 680-685, 2001.

FITZGERALD, Margaret A. *et al.* Socially responsible processes of small family business owners: Exploratory evidence from the national family business survey. **Journal of Small Business Management**, v. 48, n. 4, p. 524-551, 2010.

FUKUYAMA, F. Social capital and the global economy. *Foreign Affairs*, v. 74, n. 5, p. 89-103, sept./oct. 1995.

GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. **American journal of sociology**, p. 1360-1380, 1973.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties: A network theory revisited. **Sociological theory**, v. 1, n. 1, p. 201-233, 1983.

GROOTAERT, Christiaan; VAN BASTELAER, Thierry. **The role of social capital in development: An empirical assessment**. Cambridge University Press, 2002.

HAIR, J., JOSEPH F. Fundamentos de métodos de pesquisa em administração. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HWANG, Doohyun; STEWART, William P. Social Capital and Collective Action in Rural Tourism. **Journal of Travel Research**, p. 0047287515625128, 2016.

IBGE, 2006. Censo Agropecuário: Agricultura Familiar: Primeiros Resultados 2006. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2006. Site do IBGE – Censo Agropecuário, http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006/familia_censoagro2006.pdf, acessado em 20/10/2015.

ICMBio – MMA, 2015, Instituto Chico Mendes, Parque Nacional do Caparaó, site <http://www.icmbio.gov.br/parnacaparao/guia-do-visitante.html>, acessado em 15/12/2015.

INCAPER, 2013. Relatórios do Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural Proater 2011 – 2013. Espírito Santo: Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural. INCAPER, 2013. Site do INCAPER, <http://incaper.es.gov.br/media/incaper/proater/municipios>. Acessado em 01/07/2016.

INWOOD, Shoshanah M.; SHARP, Jeff S. Farm persistence and adaptation at the rural–urban interface: Succession and farm adjustment. **Journal of Rural Studies**, v. 28, n. 1, p. 107-117, 2012.

INWOOD, Shoshanah; CLARK, Jill K.; BEAN, Molly. The Differing Values of Multigeneration and First-Generation Farmers: Their Influence on the Structure of Agriculture at the Rural-Urban Interface. *Rural Sociology*, v. 78, n. 3, p. 346-370, 2013.

JONES, Nikoleta; HALVADAKIS, Constantinos P.; SOPHOULIS, Costas M. Social capital and household solid waste management policies: a case study in Mytilene, Greece. **Environmental Politics**, v. 20, n. 2, p. 264-283, 2011.

KAGEYAMA, Angela. Desenvolvimento rural: conceito e um exemplo de medida. In: **Congresso da SOBER. SOBER. Cuiabá**. 2004.

KIM, Jin-Young. Development of the Agricultural Cooperatives for Revitalization of the Rural Community-Focusing on the Case Study of ‘Sunkist’. 2013.

KLOCZKO-GAJEWSKA, Anna. Difficulties in Measuring Bonding Social Capital Among Polish Farmers. **Management Theory and Studies for Rural Business and Infrastructure Development**, v. 8, n. 1, p. 66-71, 2007.

KOTANE, Inta; KUZMINA-MERLINO, Irina. Assessment of financial indicators for evaluation of business performance. **European integration studies**, n. 6, p. 216-224, 2012.

KOUTSOU, Stavriani; PARTALIDOU, Maria; RAGKOS, Athanasios. Young farmers' social capital in Greece: Trust levels and collective actions. **Journal of Rural Studies**, v. 34, p. 204-211, 2014.

LOWDER, Sarah K.; SKOET, Jakob; SINGH, Saumya. What do we really know about the number and distribution of farms and family farms in the world?. Background paper for The State of Food and Agriculture, v. 8, 2014.

MACDONALD, James Michael; KORB, Penni; HOPPE, Robert A. Farm size and the organization of US crop farming. US Department of Agriculture, Economic Research Service, 2013.

MAMUN, A., RAJENND, A., MUNIADY, L., PERMARUPA, P. Y., ZAINOL, N. R. B., NAWI, N. B. C., & Malarvizhi, C. Social capital and entrepreneurial competencies: A study among women micro-entrepreneurs in Malaysia. **The Journal of Developing Areas**, v. 50, n. 5, p. 363-370, 2016.

MARSDEN, Terry; SMITH, Everard. Ecological entrepreneurship: sustainable development in local communities through quality food production and local branding. **Geoforum**, v. 36, n. 4, p. 440-451, 2005.

MARTELETO, Regina Maria; SILVA, Antonio Braz de Oliveira. Redes e Capital Social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da informação**, v. 33, n. 3, p. 41-49, 2004.

MARTUSCELLI, Danilo Enrico *et al.* Crises políticas e capitalismo neoliberal no Brasil. 2013.

MATARASSO, François. Towards a local culture index. **Measuring the cultural vitality of communities**. Gloucester: Comedia, 1999.

MONDELLI, Mario P.; KLEIN, Peter G. Private equity and asset characteristics: the case of agricultural production. **Managerial and Decision Economics**, v. 35, n. 2, p. 145-160, 2014.

MOYES, David; FERRI, Paul; HENDERSON, Fiona; WHITTAM, Geoffrey. The stairway to Heaven? The effective use of social capital in new venture creation for a rural business. **Journal of Rural Studies**, v. 39, p. 11-21, 2015.

NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S. Social capital, intellectual capital, and the organizational advantage. *Academy of Management Review*, v. 23, n. 2, p. 242-266, 1998.

NARDONE, Gianluca; SISTO, Roberta; LOPOLITO, Antonio. Social Capital in the LEADER Initiative: a methodological approach. **Journal of Rural Studies**, v. 26, n. 1, p. 63-72, 2010.

NIEHM, Linda S.; SWINNEY, Jane; MILLER, Nancy J. Community Social Responsibility and Its Consequences for Family Business Performance*. **Journal of Small Business Management**, v. 46, n. 3, p. 331-350, 2008.

PAXTON, Pamela. Is social capital declining in the United States? A multiple indicator assessment 1. **American Journal of Sociology**, v. 105, n. 1, p. 88-127, 1999.

PMVNI, 2016. Site da Prefeitura Municipal de Venda Nova do Imigrante. <http://vendanova.es.gov.br/website/site/Historico.aspx>. Acessado em 02/11/2015.

PUTNAM, R. D. 1997. *Comunidade e democracia* : a experiência da Itália moderna. Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas.

PUTNAM, R. D. Bowling Alone: The collapse and revival of American community. New York: Simon & Schuster, 2000.

PUTNAM, R. D.; LEONARDI, R.; NANETTI, R. Y. Making Democracy Work, Princeton Univ. 2001) **Education, Social Justice and Inter-agency Working**, Routledge. - Riddell, S. & Tett, L.(2001) **Education, social justice and inter-agency working: Joined-up or fractured policy**, 1993.

PUTNAM, Robert D. Bowling alone: America's declining social capital. **Journal of democracy**, v. 6, n. 1, p. 65-78, 1995.

RING, J. Kirk; PEREDO, Ana Maria; CHRISMAN, James J. Business networks and economic development in rural communities in the United States. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 34, n. 1, p. 171-195, 2010.

SANDERS, Jimmy M.; NEE, Victor. Immigrant self-employment: The family as social capital and the value of human capital. **American sociological review**, p. 231-249, 1996.

SEFAZ, 2016. Índices dos Municípios. Secretaria de Estado da Fazenda. do Estado do Espírito Santo-Site da SEFAZ, <http://internet.sefaz.es.gov.br/informacoes/index.php>. Acessado em 15/12/2015.

SEGURA, Liliane Cristina; FORMIGONI, Henrique. Influence of Control and Family Management in the Indebtedness of Brazilian Open Business: a Quantitative Study. **Brazilian Business Review**, v. 11, n. 6, p. 50, 2014.

SEN, Amartya; MENDES, Ricardo Doninelli. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SHORTALL, Sally. Are rural development programmes socially inclusive? Social inclusion, civic engagement, participation, and social capital: Exploring the differences. **Journal of Rural Studies**, v. 24, n. 4, p. 450-457, 2008.

SORENSEN, C., 2000. Social capital and rural development: a discussion of issues. Social Capital Initiative Working Paper No. 10. The World Bank, available online: <http://lnweb18.worldbank.org/ESSD/sdvext.nsf/60ByDocName/PublicationsSocialCapitalSocial-CapitalInitiativeWorkingPapers>

SORENSEN, Jens FL. Testing the hypothesis of higher social capital in rural areas: the case of Denmark. **Regional Studies**, v. 46, n. 7, p. 873-891, 2012.

SOTO, William Héctor Gómez. Poder explicativo e limites das novas abordagens do desenvolvimento do século XXI: uma análise crítica da teoria do capital social de Robert Putnam e da teoria do desenvolvimento como liberdade de Amartya Sen. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 1, n. 3, 2009.

STATHOPOULOU, Sophia; PSALTOPOULOS, Demetrios; SKURAS, Dimitris. Rural entrepreneurship in Europe: a research framework and agenda. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, v. 10, n. 6, p. 404-425, 2004.

STIGLITZ, Joseph E.; SEN, Amartya Kumar; FITOUSSI, Jean-Paul. Rapport de la Commission sur la mesure des performances économiques et du progrès social. 2009.

STOLLE, Dietlind; HOOGHE, Marc. Inaccurate, exceptional, one-sided or irrelevant? The debate about the alleged decline of social capital and civic engagement in Western societies. **British journal of political science**, v. 35, n. 01, p. 149-167, 2005.

SVENDSEN, Gert Tinggaard; SVENDSEN, Gunnar Lind Haase (Ed.). **Handbook of social capital: the troika of sociology, political science and economics**. Edward Elgar Publishing, 2009.

SVENDSEN, Gunnar; SORENSEN, Jens FL. The socioeconomic power of social capital: A double test of Putnam's civic society argument. **International Journal of Sociology and Social Policy**, v. 26, n. 9/10, p. 411-429, 2006.

TEILMANN, Kasper. Measuring social capital accumulation in rural development. **Journal of Rural Studies**, v. 28, n. 4, p. 458-465, 2012.

TERLUIN, Ida J. Differences in economic development in rural regions of advanced countries: an overview and critical analysis of theories. **Journal of Rural Studies**, v. 19, n. 3, p. 327-344, 2003.

TREAGER, Angela; COOPER, Sarah. Embeddedness, social capital and learning in rural areas: The case of producer cooperatives. **Journal of Rural Studies**, v. 44, n. 1, p. 101-110, 2016.

TSAI, W.; GHOSHAL, S. Social capital and value creation: the role of intrafirm networks. **The Academy of Management Journal**, v. 41, n. 4, p. 464-476, 1998.

TUNDUI, Charles; MACHA, Raphael. Social Capital and Willingness to Pay for Community Based Health Insurance: Empirical Evidence from Rural Tanzania. **Journal of Finance and Economics**, v. 2, n. 4, p. 50-67, 2014.

UMANS, Laurent; ARCE, Alberto. Fixing rural development cooperation? Not in situations involving blurring and fluidity. **Journal of Rural Studies**, v. 34, p. 337-344, 2014.

WESTLUND, Hans; ADAM, Frane. Social capital and economic performance: A meta-analysis of 65 studies. **European Planning Studies**, v. 18, n. 6, p. 893-919, 2010.

WHEELER, S., BJORN LUND, H., ZUO, A., & EDWARDS, J. Handing down the farm? The increasing uncertainty of irrigated farm succession in Australia. **Journal of Rural Studies**, 28(3), 266-275, 2012.

WIESINGER, Georg. The importance of social capital in rural development, networking and decision-making in rural areas. **Journal of Alpine Research| Revue de géographie alpine**, n. 95-4, p. 43-56, 2007.

WIGGINS, Steve; KIRSTEN, Johann; LLAMBÍ, Luis. The future of small farms. **World development**, v. 38, n. 10, p. 1341-1348, 2010.

WOODHOUSE, Andrew. Social capital and economic development in regional Australia: A case study. **Journal of Rural Studies**, v. 22, n. 1, p. 83-94, 2006.

WOOLCOCK, Michael. Social capital and economic development: Toward a theoretical synthesis and policy framework. **Theory and society**, v. 27, n. 2, p. 151-208, 1998.

WOOLCOCK, Michael; NARAYAN, Deepa. Social capital: Implications for development theory, research, and policy. **The world bank research observer**, v. 15, n. 2, p. 225-249, 2000.

YOKOYAMA, Marcos Hideyuki; SEKIGUCHI, Tomoki. The use of social network sites in the workplace: A case study in Brazilian companies. **Brazilian Business Review**, v. 11, n. 2, p. 87, 2014.

ANEXO – QUESTIONÁRIO APLICADO OS AGRICULTORES FAMILIARES

Pesquisa – Agricultura Familiar

Esta pesquisa busca avaliar fatores relacionados à agricultura familiar. Não existe resposta certa ou errada. Apenas queremos saber a opinião dos produtores rurais. Você não precisa se identificar.

Nas respostas, indique o quanto você concorda com cada afirmação, sendo 1 se você discorda totalmente da afirmação e 5 se você concorda plenamente com ela.

Não vai passar de 10 minutos. Muito obrigada pela colaboração!

<p>1. Você é um agricultor (a) familiar ?</p> <p><input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não</p>
<p>2. Onde sua propriedade se localiza? 1 <input type="radio"/> Venda Nova do Imigrante 0 <input type="radio"/> Região do Caparaó Capixaba</p>
<p>3. Qual é o tamanho da sua propriedade? (Sendo 1 hectare=10.000m²)</p> <p>1 <input type="radio"/> 0 a 4 hectares</p> <p>2 <input type="radio"/> 5 a 8 hectares</p> <p>3 <input type="radio"/> 9 a 12 hectares</p> <p>4 <input type="radio"/> 13 a 16 hectares</p> <p>5 <input type="radio"/> Acima de 16 hectares</p>
<p>4. Nos últimos dez anos, eu venho aumentando a minha renda a partir das atividades da minha propriedade.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>

5. Nos últimos dez anos, eu venho aumentando a produção na minha propriedade rural.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

6. Nos últimos dez anos, eu aumentei o endividamento financeiro da minha propriedade.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

7. Nos últimos dez anos, eu aumentei a área da minha propriedade, por meio de compra.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

8. Nos últimos dez anos, eu melhorei a minha mobilidade, comprei veículos de passeio, seja carro ou moto, apenas com o dinheiro que ganhei na minha propriedade.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

9. Eu mantenho uma alta relação de confiança com outros produtores rurais.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

10. Eu mantenho uma alta relação de confiança com meus parceiros de trabalho.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

11. Eu mantenho uma alta relação de confiança com os meus vizinhos de propriedade.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

12. Eu mantenho uma forte relação de cooperação e a colaboração com outros produtores rurais.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

13. Eu adquiero insumos seja adubo, calcário, defensivo ou ração etc, com outros produtores rurais.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

14. Eu compro equipamentos em esquema de consórcio com outros produtores.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

15. Eu participo de colheita coletiva, tipo mutirão, na propriedade de outros produtores rurais.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

16. Quando eu recebo informação, participo de algum curso ou treinamento, eu compartilho o conhecimento com outros produtores.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

17. Eu sempre participo de cursos, palestras e viagens técnicas para obter informações que ajudem no meu trabalho.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

18. Considero importante o nível de escolaridade dos meus filhos para a minha propriedade.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

19. Eu procuro sempre participar de associações, cooperativas e clubes desportivos.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

20. Eu procuro sempre participar de trabalhos voluntários em causas sociais e humanitárias.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

21. Eu procuro sempre participar de atividades religiosas, corais e celebrações.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

22. Eu procuro sempre participar de atividades que reforçam minhas tradições familiares.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

23. Eu procuro sempre participar de atividades que resgatam a história dos meus antepassados.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

24. Eu procuro sempre participar de festas comunitárias.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 <input type="radio"/> Concordo totalmente
25. Recebo todo o apoio que preciso de entidades não governamentais, como, por exemplo, sindicatos, cooperativas, Senar, Sebrae em assistência técnica.
1 <input type="radio"/> Discordo totalmente
2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente
3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo
4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente
5 <input type="radio"/> Concordo totalmente
26. Recebo todo o apoio que preciso de entidades não governamentais, como, por exemplo, sindicatos, cooperativas, Senar, Sebrae, em crédito rural.
1 <input type="radio"/> Discordo totalmente
2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente
3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo
4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente
5 <input type="radio"/> Concordo totalmente
27. Recebo todo o apoio que preciso de entidades não governamentais, como, por exemplo, sindicatos, cooperativas, Senar, Sebrae, em elaboração de projetos.
1 <input type="radio"/> Discordo totalmente
2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente
3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo
4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente
5 <input type="radio"/> Concordo totalmente
28. Recebo todo o apoio que preciso de entidades não governamentais, como, por exemplo, sindicatos, cooperativas, Senar, Sebrae, em capacitação e treinamentos.
1 <input type="radio"/> Discordo totalmente
2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente
3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

29. Tenho acesso em minha comunidade a programas culturais, de lazer e entretenimento.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

30. Recebo todo o apoio que preciso dos governos, seja ele federal, estadual ou municipal, em assistência técnica.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

31. Recebo todo o apoio que preciso dos governos, seja ele federal, estadual ou municipal, em crédito rural.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

3 Não concordo nem discordo

4 Concordo parcialmente

5 Concordo totalmente

32. Recebo todo o apoio que preciso dos governos, seja ele federal, estadual ou municipal, em elaboração de projetos.

1 Discordo totalmente

2 Discordo parcialmente

- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

33. Recebo todo o apoio que preciso dos governos, seja ele federal, estadual ou municipal, em capacitação e treinamentos.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

34. Recebo todo o apoio que preciso dos meus familiares.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

35. Recebo todo o apoio que preciso dos meus amigos e vizinhos.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

36. Minha propriedade conta com boa infraestrutura, como estradas de boa qualidade.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo

<p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>37. Minha propriedade conta com energia elétrica estável e de alta potência.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>38. Minha propriedade conta com internet de alta velocidade.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>39. Minha propriedade conta com telefonia celular de qualidade.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>40. A localização da minha propriedade facilita o escoamento da minha produção.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>41. Tenho sempre acesso a novos mercados compradores.</p>

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

42. Minha propriedade tem fácil acesso à sede do meu município.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

43. Utilizo soluções inovadoras no processo de gestão da minha propriedade.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

44. Utilizo soluções inovadoras no processo de produção em minha propriedade.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

45. Faço uso de tecnologia no processo de gestão da minha propriedade.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo

<p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>46. Faço uso de tecnologia no processo de produção em minha propriedade.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>47. Tenho práticas sustentáveis na minha propriedade.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>48. Minha propriedade é formada em sua maioria por terrenos irregulares que dificultam o plantio e a colheita.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>49. Minha propriedade possui uma grande porção da sua área com cobertura florestal.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p>

<p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>50. Minha propriedade é formada em sua maioria por terrenos de alta produtividade.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>51. Eu analiso questões climáticas como temperatura e níveis de chuva para escolher o tipo de cultivo na hora de fazer o plantio.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>52. A minha propriedade possui água em abundância.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>53. Eu disponho de toda a água que preciso na minha propriedade.</p> <p>1 <input type="radio"/> Discordo totalmente</p> <p>2 <input type="radio"/> Discordo parcialmente</p> <p>3 <input type="radio"/> Não concordo nem discordo</p> <p>4 <input type="radio"/> Concordo parcialmente</p> <p>5 <input type="radio"/> Concordo totalmente</p>
<p>54. Minha propriedade nunca passa por momentos de falta de água.</p>

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

55. Considero muito importante o papel que a mulher desempenha na minha propriedade.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

56. Considero muito importante que um jovem me suceda na propriedade.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

57. Eu tenho preparado os meus filhos para que eles dêem continuidade às atividades da propriedade.

- 1 Discordo totalmente
- 2 Discordo parcialmente
- 3 Não concordo nem discordo
- 4 Concordo parcialmente
- 5 Concordo totalmente

GOSTARÍAMOS DE CONHECER UM POUCO MAIS SOBRE VOCÊ E SUA PROPRIEDADE RURAL.

Gênero do Agricultor ou Agricultora respondente: Homem Mulher

Sua Idade (anos completos até a presente data):

- Menos de 18 anos de idade.
- Entre 18 e 25 anos de idade.
- Entre 25 e 35 anos de idade.
- Entre 35 e 45 anos de idade.
- Acima de 50 anos de idade.

Seu grau de escolaridade:

- Analfabeto
- 1º Grau incompleto
- 1º Grau completo
- 2º Grau incompleto
- 2º Grau completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Pós graduado

Grau de escolaridade da pessoa mais bem formada que vive na propriedade

- Analfabeto
- 1º Grau incompleto
- 1º Grau completo
- 2º Grau incompleto

- 2º Grau completo
- Superior incompleto
- Superior completo
- Pós graduado

Números de filhos/dependentes:

- 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Anos de experiência na atividade rural:

- Menos de 1 ano.
- Entre 1 e 5 anos.
- Entre 5 e 10 anos.
- Entre 10 e 15 anos.
- Mais de 20 anos.

Quantas horas por semana você se dedica à sua propriedade? Ex: 8 horas/dias x 6 dias/semana = +/- 48 horas/semanais

- Abaixo de 1 hora/dia.
- Entre 1 e 5 horas/dias.
- Entre 5 e 10 horas/dias.
- Acima de 10 horas/dias.

Número de pessoas que se dedicam à sua propriedade em tempo integral (8 horas diárias ou mais). Ex.: Familiares como esposa e filhos, agregados e funcionários todos registrados ou não.

- Não há colaboradores.
- Entre 1 e 5 colaboradores.
- Entre 6 e 15 colaboradores.

- Entre 16 e 20 colaboradores.
- Mais de 20 colaboradores.

Número de pessoas que se dedicam à sua propriedade em tempo parcial (menos de 8 horas diárias) e/ou eventual: Ex.: Familiares como esposa e filhos, agregados e funcionários todos registrados ou não.

- Não há colaboradores.
- Entre 1 e 5 colaboradores.
- Entre 6 e 15 colaboradores.
- Entre 16 e 20 colaboradores.
- Mais de 20 colaboradores.

Instrução para o pesquisador...

Pergunta 30

Entende-se por práticas sustentáveis:

- Conservação e controle e uso adequado de defensivos/agrotóxicos
- Destinação correta de embalagens de produtos químicos
- Produção orgânica/agroecológica
- Proteção de nascentes
- Proteção de rios (vegetação ciliar)
- Reaproveitamento de resíduos orgânicos (compostagem)
- Reflorestamento
- Tratamento e destinação do esgoto